

Corpo e psicose na leitura de Lacan do caso Schreber¹

Daniele França dos S. Ferreira²

Richard Theisen Simanke³

Resumo

A temática do corpo é um assunto bastante recorrente na teoria lacaniana. A relação do sujeito com o corpo, para Lacan, é duplamente mediada pela imagem e pelo significante, tal como se expressa em dois momentos emblemáticos de seu ensino. Num primeiro momento, na teorização sobre o estágio do espelho, o principal operador da subjetivação do corpo é a imagem, e a constituição do sujeito é pensada, sobretudo, no registro do imaginário. Num segundo momento, Lacan privilegia o registro do simbólico e o significante se torna o mediador por excelência da relação do sujeito com o corpo, agora concebido, acima de tudo, como um suporte para as operações da letra. Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é refletir sobre a questão do corpo na teorização sobre as psicoses, a partir da leitura de Lacan do caso Schreber, o qual foi escolhido por sua relevância na formulação da teoria lacaniana das psicoses e também devido ao destaque que os sintomas corporais têm na sintomatologia do caso. Esta investigação, de natureza teórico-conceitual, dedica-se à análise do *Seminário 3* de Jacques Lacan (1955-1956/1985), com ênfase especial em sua leitura e interpretação das *Memórias de Schreber*. O estudo também examina a forma como Lacan retoma, tensiona e reinterpreta a abordagem freudiana do caso, promovendo deslocamentos fundamentais na compreensão da psicose à luz do campo do significante. Partindo do caso Schreber, Lacan conclui que os sintomas e fenômenos que envolvem o sujeito psicótico e o seu corpo podem ser concebidos como tentativas de estabilização, que fazem suplência à falta do significante paterno, quando não é possível uma intermediação do aparelho simbólico.

Palavras-chave: Corpo, Psicose, Lacan, Schreber.

1 Este artigo é apresentado neste arquivo em duas versões linguísticas: a versão original em português e sua versão integral em francês.

Cet article est présenté dans ce fichier en deux versions linguistiques : la version originale en portugais et sa version intégrale en français.

2 Psicóloga (CRP 04/58695). Aluna no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6907-0496>. E-mail: dfrancapsicologia@gmail.com.

3 Professor titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6405-8776>. E-mail: richardsimanke@uol.com.br.

Introdução

Em 1902, Daniel Paul Schreber, juiz-presidente da Corte de Apelação de Dresden, no leste da Alemanha, que havia sido internado numa instituição psiquiátrica por nove anos, conseguiu algo sem precedentes: escreveu a própria defesa para sair do asilo e conquistou a revogação de sua tutela. A principal evidência que ele apresentou no recurso foi sua autobiografia, posteriormente publicada pela excêntrica editora Oswald Mutze, de Leipzig, sob o nome de *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken* (ou como foi traduzido por Marilene Carone, no Brasil: *Memórias de um doente de nervos*). Desde então, ele teve muitos leitores, entre os quais figuram grandes personalidades, como Freud e Lacan, que abordaram as *Memórias...* de Schreber como um caso clínico e o usaram para engendrar suas teorias a respeito das psicoses.

A originalidade vista no caso Schreber se deve ao impressionante fato de que, muito raramente, um caso tão agudo evolui de maneira a permitir que o sujeito relate, de próprio punho, suas construções delirantes. Não obstante, essa exposição é feita com uma minúcia e objetividade que produzem um interessante contraste entre uma temática ao mesmo tempo religiosa, médica e escatológica (nos dois sentidos) e uma forma vazada na mais convencional linguagem acadêmica, própria de um jurista alemão de formação puritana e tradicional. A escrita singular de Schreber foi encarecida por Lacan, cujo endosso terminou por consagrar seu livro de memórias como um clássico da literatura psicanalítica.

O título deste trabalho contém dois termos, “corpo” e “psicose”, que, separadamente, poderiam ser fios condutores de uma leitura completa dos escritos e seminários de Lacan. Todavia, por motivos metodológicos, este estudo se restringe a apresentar um recorte de como ambos os conceitos são progressivamente introduzidos e desenvolvidos por Lacan na primeira metade da década de 1950. Optou-se, neste texto, principalmente, pelo uso de fontes primárias para fundamentá-lo. Não se negligencia aqui o mérito da literatura secundária, mas reconhece-se o valor do texto clássico para a discussão do problema de pesquisa.

À luz disso, o propósito deste artigo, de caráter eminentemente bibliográfico, é investigar o problema da corporeidade na teorização sobre as psicoses, a partir da interpretação que Lacan faz do caso Schreber – escolha que se justifica por sua relevância na elaboração da teoria lacaniana das psicoses e também pela importância que o corpo tem na sintomatologia do caso.

Todo estudo teórico de qualidade deve começar com uma definição clara e precisa do objeto de pesquisa. Contudo, diante do obstáculo de se propor uma definição conceitual única e exata para “corpo” em Lacan, essa conceituação será continuamente reiterada no decorrer do texto, a depender do período de sua obra na qual é referida. Decerto, os elementos da metapsicologia de Lacan têm os sentidos alterados de acordo com os projetos aos quais ele está filiado em cada momento de sua bibliografia. Em síntese, identifica-se um primeiro momento (circa 1930) na ainda incipiente teoria lacaniana do imaginário, organizada ao redor do conceito do Estágio do Espelho, no qual o corpo comparece na teoria primordialmente como a imagem do corpo – em outras palavras, o corpo real, biológico, só se torna “próprio” por meio de sua imagem. Já num segundo momento, quando o registro lacaniano do simbólico

é privilegiado em sua retórica – no panorama de seu alinhamento com o estruturalismo –, o corpo aparece como suporte da letra, isto é, como o real a ser trabalhado pelo significante na produção do sujeito.

Esse segundo momento corresponde à formulação de sua clássica teoria das psicoses, tal como se observa exemplarmente no *Seminário, Livro 3: As psicoses* (Lacan, 1955-1956/1985), que se apresenta aqui como principal fundamento para a interpretação do sentido e dos desdobramentos dos conceitos de psicose e corpo na psicanálise de Lacan. Nesse seminário, a abordagem das psicoses que Lacan propõe participa decisivamente do movimento de revisão de seu aparato metapsicológico: o corpo do sujeito, que antes comparecia na teoria fundamentalmente por intermédio da mediação da imagem, passa a ser pensado pela perspectiva do simbólico e do significante e, no limite, reduzido à sua estrutura.

O seminário sobre as psicoses

Lacan começa o seminário discutindo a nosologia das psicoses, divididas, até então, na dicotomia kraepeliniana em paranoias ou parafrenias, segundo a escola alemã de psiquiatria. Desde os primórdios de sua formação como psiquiatra, Lacan se opusera às concepções oitocentistas da paranoia e da psicose em geral, propondo uma série de hipóteses alternativas que, cada vez mais, o afastaram da psiquiatria tradicional.

O que abrange o termo psicose no domínio psiquiátrico? Psicose não é demência. As psicoses são, se quiserem – não há razão para se dar ao luxo de recusar empregar este termo –, o que corresponde àquilo a que sempre se chamou, e a que legitimamente continua se chamando, as *loucuras*. É nesse domínio que Freud faz a partilha (Lacan, 1955-1956/1985, p. 12, grifo do autor).

Também distanciando-se de Freud, que usa a terminologia *dementia paranoides*, de Kraepelin, para designar o caso, Lacan reconhece que Schreber é paranoico, mesmo que inicialmente seja observada uma fase esquizofrênica com presença de sintomas hipocondríacos.

O discurso de Schreber tem seguramente uma estrutura diferente. Schreber nota, no início de um de seus capítulos, muito humoristicamente – *Dizem que eu sou paranoico*. Com efeito, naquela época, mal nos havíamos libertado suficientemente da primeira classificação kraepeliniana para qualificá-lo de paranoico, enquanto seus sintomas vão muito mais longe. Mas, quando Freud o nomeia parafrênico, vai ainda mais longe, pois a parafrenia é o nome que Freud propõe para a demência precoce, a esquizofrenia de Bleuler (Lacan, 1955-1956/1985, p. 157, grifos do autor).

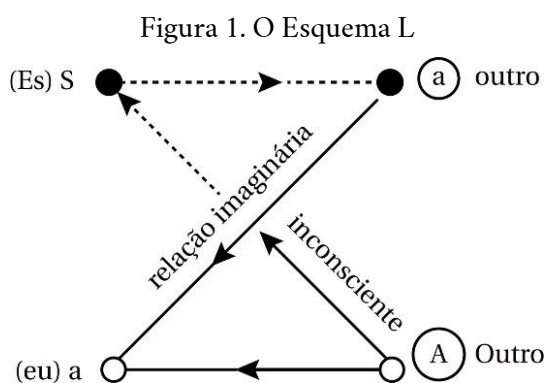
Grosso modo, Lacan (1955-1956/1985) considera que a esquizofrenia estaria mais próxima do corpo despedaçado e autoerótico que constitui o eu antes do Estágio do Espelho, ao passo que a paranoia estaria mais perto do eixo imaginário que marca os primeiros movimentos da constituição do eu. Nessa direção, fica estabelecida também uma categoria de maior organização tanto do campo de realidade quanto do que diz respeito ao estatuto do corpo, uma vez que, no caso da esquizofrenia, o corpo está na condição do autoerotismo e,

no caso da paranoia, há uma maior unidade corporal. Lacan dirá, mais à frente, que: “Todo o mundo sabe, com a condição de que se seja psiquiatra, que, num paranoico bem constituído, não se pode falar em mobilizar esse investimento, enquanto, nos esquizofrênicos, *a desordem propriamente psicótica vai em princípio muito mais longe que nos paranoicos*” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 169, grifos nossos).

Vê-se, nessa diferenciação feita por Lacan entre a paranoia e a esquizofrenia, que o problema do eu e sua função imaginária continua sendo uma pauta importante em seus estudos, a exemplo dos primeiro e segundo seminários. A esse ponto de sua teoria, Lacan já está convencido de que o eu se constitui, inicialmente, no campo do pequeno outro, o que, no Esquema L, introduzido no ano anterior, é representado pelo eixo imaginário entre a e a' :

Os polos imaginários do sujeito, a e a' , recobrem a relação dita especular, a do estádio do espelho. O sujeito, na corporeidade e na multiplicidade de seu organismo, em seu espedaçamento natural, que está em a' , se refere a essa unidade imaginária que é o eu, a , onde ele se conhece e se desconhece e que é aquilo de que ele fala – ele não sabe a quem, já que não sabe tampouco quem nele fala (Lacan, 1955-1956/1985, pp. 185-186).

O Esquema L é relembado por Lacan (1955-1956/1985) nas páginas iniciais do terceiro seminário, agora voltado às psicoses. Perguntando-se sobre a natureza do fenômeno alucinatorio, ele atribui uma distinção essencial: “a origem do recalco neurótico não se situa no simbólico no mesmo nível de história que o do recalco de que se trata na psicose” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 23). É com vista nisso que Lacan se ocupará, pelo resto do seminário, a explicar a questão central da psicose: a não ordenação do real pela estrutura simbólica e a importância do recurso imaginário para fazer suplência a essa não entrada do simbólico.



Fonte: Lacan, 1955-1956/1985, p. 22.

Lacan (1955-1956/1985, p. 20) adverte que “é clássico dizer que, na psicose, o inconsciente está à superfície, é consciente”, mas isso não lhe parece ter grande efeito em ser articulado. Ele reformula esse bordão afirmando que o testemunho do inconsciente, na psicose, é mais direto e radical do que quando comparado à neurose. Lacan demonstra isso por meio do Esquema L: a linha que liga S-A não é interrompida – entre o sujeito e o Outro (simbólico), não há interdição, o sujeito não é barrado e o discurso inconsciente é contínuo, revelado sem intervalo, sem suspensão. Assim, o psicótico faz o seu testemunho de forma explícita, enquanto o testemunho do neurótico se faz de forma encoberta.

É o mesmo caso do esquema do ano passado, no que concerne à alucinação verbal. Nosso esquema, lembro isso a vocês, figura a interrupção da palavra plena entre o sujeito e o Outro e seu desvio pelos dois eu, *a* e *a'*, e suas relações imaginárias. Uma triplicidade está aqui indicada no sujeito, que abrange o fato de que é o eu do sujeito que fala normalmente a um outro, e do sujeito, do sujeito S, em terceira pessoa. Aristóteles observava que não convém dizer que o homem pensa, mas que ele pensa com sua alma. Da mesma maneira, eu digo que o sujeito se fala com o seu eu (Lacan, 1955-1956/1985, p. 23, grifos do autor).

No sujeito neurótico, falar com o seu eu nunca é plenamente explicitável – sua relação com o eu é, sobretudo, ambígua, toda assunção do eu é revogável. Ao contrário, no sujeito psicótico, certos fenômenos elementares, em especial a alucinação, que é a sua forma mais característica, mostram o sujeito completamente identificado ao seu eu com o qual ele fala – ou o eu totalmente assumido de modo instrumental.

É ele que fala dele, o sujeito, o S, nos dois sentidos equívocos do termo, a inicial S e o Es alemão. É justamente o que se apresenta no fenômeno da alucinação verbal. No momento em que ela aparece no real, isto é, acompanhada desse sentimento de realidade que é a *característica fundamental do fenômeno elementar*, o sujeito fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade (Lacan, 1955-1956/1985, p. 23, grifos nossos).

Os fenômenos elementares, frequentemente descritos como automatismos mentais e corporais – nos quais o indivíduo sente que seus pensamentos, ações ou percepções estão sendo controlados ou influenciados por forças externas –, ainda que advindos de uma tradição clínica cujos pressupostos epistemológicos Lacan combatia frontalmente, participam de sua tentativa de situar as psicoses em relação aos três registros do Simbólico, do Imaginário e do Real. Esses fenômenos eram considerados como elementos por constituírem as unidades mais simples que compõem o processo psicopatológico, ideia que advém de uma semiologia atomística, estreitamente ligada a uma determinada conceituação no organicismo – o mecanicismo –, o qual buscava o fundamento da doença na hipótese da ocorrência de uma lesão pontual (Simanke, 2002, p. 35).

Explicáveis somente por um processo orgânico inicial e compreendidos por Clérambault – a quem Lacan chama de mestre – como os primeiros sinais da psicose, os sintomas do Automatismo Mental se caracterizam por serem mecânicos, atemáticos e anideicos. A formulação de Clérambault atingiu o pensamento de Lacan e possibilitou-lhe construir uma doutrina sobre o fenômeno elementar, cuja concepção se constituiu num dos alicerces da teoria lacaniana sobre a psicose. Convicto de seus propósitos estruturalistas e influenciado pelas ideias de Clérambault, Lacan argumenta que a noção de elemento não é distinta à de estrutura, irreduzível a outra coisa que não ela mesma.

O importante do fenômeno elementar não é, portanto, ser um núcleo inicial, um ponto parasitário, como Clérambault se exprimia, no interior da personalidade, em tomo do qual o sujeito faria uma construção, uma reação fibrosa destinada a enquistá-lo envolvendo-o, e ao mesmo tempo integrá-lo, isto é, explicá-lo como dizem frequentemente. O delírio não é deduzido, ele reproduz a sua própria força constituinte, é, ele também,

um fenômeno elementar. Isso quer dizer que *a noção de elemento não deve ser tomada aí de modo diferente da de estrutura [...]* (Lacan, 1955-1956/1985, p. 28, grifos nossos).

A partir daí, os fenômenos elementares, cuja definição e uso nunca foram consensuais na psiquiatria do século XIX, recebem por parte de Lacan uma nova roupagem, sendo alçados ao estatuto de peça-chave na designação da psicose. Lacan julga ser indispensável a presença de alterações da ordem da linguagem para que se estabeleça um diagnóstico de psicose. Não poderia ser diferente: se o conceito lacaniano de inconsciente é “estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 139), a psicose vai depender, acima de tudo, de um fenômeno de linguagem. “É o registro da fala que cria toda a riqueza da fenomenologia da psicose, é aí que vemos todos os seus aspectos, as suas decomposições, as suas refrações. A alucinação verbal, que é aí fundamental, é justamente um dos fenômenos mais problemáticos da fala” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 47).

É dessa maneira que os fenômenos elementares atestam – por uma rota completamente nova – a suposição lacaniana de que a psicose seria não uma doença mental de origem orgânica, mas um modo muito particular de relação do sujeito com a linguagem. Se assim for, o registro mais adequado de tratamento do problema da psicose é o campo da fala e da linguagem, ao que Lacan (1955-1956/1985, p. 167) aponta: “a promoção, a valorização na psicose dos fenômenos de linguagem é para nós o mais fecundo dos ensinamentos”.

Bejahung e Verwerfung: fundamentos da estrutura psicótica

O que se observa em seguida é que o estruturalismo e a teoria linguística fornecem a Lacan uma base conceitual para repaginar certos pressupostos freudianos – naturalmente, de uma perspectiva nada ortodoxa. Nesse momento, Lacan está promovendo sua agenda de retorno à obra de Freud, que ele havia anunciado apenas poucos anos antes do seminário sobre as psicoses, no discurso de Roma, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Lacan, 1953/1998). Nessa conferência capital, como o título sugere, Lacan discute justamente a entrada do sujeito no campo da fala e da linguagem. Sublinha-se:

Pela palavra, que já é uma presença feita de ausência, *a ausência mesma vem a se nomear* em um momento original cuja perpétua recriação do talento de Freud captou na brincadeira da criança. E desse par modulado da presença e da ausência [...] nasce o universo de sentido de uma língua, no qual o universo das coisas vem se dispor (Lacan, 1953/1998, p. 276, grifos nossos).

Algumas coisas interessantes podem ser extraídas dessa citação. Lacan se refere à brincadeira do *fort-da*, expressão criada em *Além do princípio do prazer*, publicação de grande notoriedade, por ser o primeiro trabalho em que Freud (1920/2010) veicula a problemática da pulsão de morte. A partir da concepção freudiana, o organismo apresenta uma tendência a regressar ao estado inorgânico, manifestando-se por meio da repetição de comportamentos que expressam a busca pela morte de maneira própria e singular. O famoso jogo do *fort-da* foi descrito por Freud como uma brincadeira que consiste na desaparecimento e surgimento de um determinado objeto – no caso, um carretel que seria lançado e depois recuperado. Freud interpreta o *fort-da* como uma encenação das partidas e retornos da figura materna,

o que torna possível que o bebê “deixe a mãe ir”, pois, agora, ele próprio pode encenar o desaparecimento e o retorno dos objetos ao seu redor.

O infante reviveria a ausência e presença materna por meio desse objeto. Isso, na visão de Lacan, possibilitaria que a criança representasse simbolicamente os desaparecimentos e ressurgimentos da mãe. Numa tradução lacaniana, ao fazê-lo, a criança inverte o abandono sofrido pela mãe, numa espécie de controle simbólico do objeto perdido. A brincadeira do *fort-da* permite que o *infans* (do latim *in-fans*, “aquele que não fala”) saia da posição passiva – encontrada na alienação – e resulta na constatação da ausência e na elaboração da falta. Se a criança tem o objeto representado pela linguagem, então pode substituí-lo. É a designação simbólica da renúncia daquele objeto perdido. “Foram esses jogos de ocultação que Freud, numa intuição genial, produziu, a nosso ver, para que neles reconheçêssemos que o momento em que o desejo se humaniza é também aquele em que a criança nasce para a linguagem” (Lacan, 1953/1998, p. 320, grifos nossos).

Mas, para que algo possa ser simbolizado, precisa ser antes afirmado. No seminário sobre as psicoses, Lacan indica que, atrás do processo de verbalização, há uma *Bejahung* inaugural, uma afirmação primordial, decisória na constituição do sujeito e sua determinação pela linguagem. Seria uma admissão no sentido do simbólico – a inscrição de um traço como *Bejahung*. Lacan destaca que se Freud insistentemente aborda o Complexo de Édipo é porque a Lei, como princípio de simbolização, estaria ali desde o início. A Lei não se refere apenas à questão das origens, mas à Lei fundamental da simbolização. O Complexo de Édipo é um exemplo dessa Lei de simbolização.

A simbolização, em outras palavras, a Lei, desempenha aí um papel primordial. Se Freud insistiu a tal ponto no complexo de Édipo, que chegou até a construir uma sociologia de totens e tabus, é patentemente porque para ele a Lei está ali *ab origine*. Não se trata, por conseguinte, de se colocar a questão das origens – a Lei está justamente ali desde o início, desde sempre, e a sexualidade humana deve se realizar por meio e através dela. Essa Lei fundamental é simplesmente uma Lei de simbolização. É o que o Édipo quer dizer (Lacan, 1955-1956/1985, p. 100).

O Complexo de Édipo entra aqui como o esteio no qual se desenrola a operação metafórica que situa o pai como representante da Lei que ordena simbolicamente a castração. A função do pai na teoria lacaniana não é apenas biológica, mas simbólica. O pai intervém em diversos planos – antes de mais nada interdita a mãe. Esse é o fundamento do Complexo de Édipo, em que o pai se liga à Lei primordial da proibição do incesto. Toda a viabilidade do Édipo se dá fundada no recalque originário do significante do desejo da mãe. O resultado é a substituição pelo significante paterno, que Lacan articula à travessia edipiana mediante o que intitulou Nome-do-Pai. Em francês, Lacan joga com a homofonia e o sentido das expressões “*le nom du père*” (“o nome do pai”) e “*le non du père*” (o “não do pai”) para conotar a relação entre o significante da função paterna (o “Nome-do-Pai”) que é reprimido na saída neurótica do Complexo de Édipo e o papel do pai como agente da Lei e da interdição (aquele que diz “não”).

Em outros termos, o significante limitador do pai tem como função substituir e cercar o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno. Torna-se, assim, inconsciente o significante do desejo da mãe (S1), pois foi objeto do recalque originário, isto

é, só foi recalçado em virtude da substituição pelo significante paterno (S₂) – substituição que é da ordem da metáfora. Tal é a estrutura da neurose para Lacan.

O que é o recalque para o neurótico? É uma língua, uma outra língua que ele fabrica com seus sintomas, isto é, se é um histérico ou um obsessivo, com a dialética imaginária dele e do outro. O sintoma neurótico desempenha o papel da língua que permite exprimir o recalque. É justamente aquilo que nos faz ver claramente que o recalque e o retorno do recalçado são uma só e mesma coisa, o direito e o avesso de um só e mesmo processo (Lacan, 1955-1956/1985, p. 75).

Em contrapartida, a estrutura psicótica resultaria de uma falta da função paterna no Complexo de Édipo, e Lacan pensa a desordem desse processo a partir do suposto uso conceitual de Freud do termo *Verwerfung* – que ele inicialmente traduz por *refus* ou *rejet*, recusa ou rejeição, e depois, inspirado no vocabulário jurídico francês, elabora como *forclusion*, forclusão. Lacan (1955-1956/1985, p. 177) mesmo admite que Freud não utiliza essa palavra muitas vezes e que foi buscá-la “nos dois ou três cantos onde ela se deixa surpreender, e mesmo algumas vezes ali onde ela não se deixa, mas onde a compreensão do texto exige que ela seja suposta”. “Ao nível dessa *Bejahung* pura, primitiva, que pode realizar-se ou não, estabelece-se uma primeira dicotomia – o que teria sido submetido à *Bejahung*, à simbolização primitiva, terá diversos destinos, o que cai sob o golpe da *Verwerfung* primitiva terá outro” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 98).

A *Verwerfung* forma um par dicotômico com a *Bejahung*. Na psicose não ocorre a *Bejahung*, o acesso ao simbólico, ou seja, o sujeito não sofre uma primeira representação, uma vez que o significante foi foracluído. O Édipo, como Lei de simbolização, fracassa, e o significante do Nome-do-Pai não se inscreve como falta simbólica no Outro, deixando de intervir como corte – não há interrupção na linha S-A no Esquema L. Mais importante, o Nome-do-Pai, como significante mestre, é também o que demarca a aquisição de um estatuto de corpo. Na hipótese lacaniana, cabe ao Nome-do-Pai, como significante primordial, sustentar a imagem do corpo e organizar aquilo que o sujeito reconhece como seu próprio corpo. Daqui se tem como referência o corpo inscrito pelo simbólico; ou seja, para haver um corpo, deve-se passar por uma operação simbólica de corte – efetivada pelo significante sobre a carne.

Logo, o Nome-do-Pai é o elemento que permite a construção de uma ordem simbólica coerente, fundamental para a inserção do indivíduo na linguagem e na cultura, o que não se segue à *Verwerfung*, quando o Nome-do-Pai é recusado ou excluído do campo simbólico do sujeito, não sendo integrado à estrutura psíquica. Explorando essa ideia, Lacan conceitua o termo *Verwerfung* da seguinte forma:

Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis o mecanismo fundamental que suponho na base da paranoia. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante (Lacan, 1955-1956/1985, p. 174).

Percebe-se nesse excerto que Lacan endossa uma explícita redução da corporeidade à linguagem e ao significante. À época, da maneira como isso se apresentava para Lacan, o corpo deveria ser entendido como superfície, sulcado pelo traço e habitado pelos significantes. O psicótico seria habitado, possuído pela linguagem – diferentemente do neurótico, que habita

a linguagem devido ao recalque, mecanismo que reintegra os significantes ao inconsciente via simbólico.

Como não ver na fenomenologia da psicose que *tudo, do começo ao fim, se deve a uma certa relação com essa linguagem*, de uma só vez promovida ao primeiro plano da cena, que fala sozinha, em voz alta, com seu ruído, seu furor, bem como com sua neutralidade? Se o neurótico habita a linguagem o psicótico é habitado, possuído pela linguagem (Lacan, 1955-1956/1985, p. 284, grifos nossos).

Vê-se, por exemplo, que a convicção (nada incomum) de que os órgãos do corpo estão se transformando, mudando de forma ou função é um fenômeno elementar importante na psicose. Há na fala uma referência frequente às partes internas do corpo, principalmente num viés hipocondríaco, o que Freud havia designado como a “fala de órgão”, ou “linguagem de órgão” (Caropreso & Simanke, 2006). É o que se observa no caso Schreber:

O que vemos desde o início são sintomas, primeiramente hipocondríacos, que são sintomas psicóticos. Encontra-se aí sem dificuldade esse algo de particular que está no fundo tanto da relação psicótica como dos fenômenos psicossomáticos com os quais essa clínica se ocupou de modo todo especial, e que para ela são certamente a via de introdução à fenomenologia desse caso. É aí que ela pôde ter a apreensão direta de fenômenos estruturados de modo bem diferente do que se passa nas neuroses, a saber, onde há não sei que impressão ou inscrição direta de uma característica, e mesmo, em certos casos, de um conflito, *no que se pode chamar o quadro material que apresenta o sujeito enquanto ser corpóreo* (Lacan, 1955-1956/1985, p. 352, grifos nossos).

O relato de Schreber revela como o corpo e a linguagem se entrelaçam na psicose, com o sujeito impossibilitado de organizar sua corporeidade devido à falha no simbólico. Lacan encontrará nas *Memórias...* uma oportunidade para legitimar sua teoria dos significantes – nem mesmo o fato de que a análise do caso se baseia no texto escrito lhe escapa:

Temos a sorte de ter aí um homem que nos comunica todo o seu sistema delirante, e num momento em que este chegou ao seu pleno desabrochar. [...] *Vocês apreenderão como se modificam os diferentes elementos de um sistema construído em função das coordenadas da linguagem*. Essa abordagem é certamente legítima, em se tratando de um caso que só nos é dado por um livro, e é o que nos permitirá reconstituir eficazmente a sua dinâmica (Lacan, 1955-1956/1985, p. 69, grifos nossos).

Em suas *Memórias...*, Schreber fala de experiências que evidenciam uma relação visceralmente conflituosa com seu corpo, marcada pela fragmentação e pela sensação de transformação constante. Essas vivências, na visão lacaniana, exemplificam a falha na função do Nome-do-Pai, impedindo o pleno estabelecimento da organização simbólica do corpo e resultando em fenômenos psicóticos que serão analisados a seguir, conforme programado, com base no caso Schreber.

O caso Schreber: delírio, corpo e linguagem

Para melhor entender a história clínica de Schreber, faz-se necessária a exposição de um resumo cronológico da vida do jurista alemão.

Tabela 1. Biografia de Schreber (1842-1891)

Ano	Evento
1842	Nascimento de Daniel Paul Schreber em Leipzig, em 25 de julho.
1858	Seu pai sofre um acidente que causa lesões cerebrais irreversíveis.
1861	Falecimento do pai devido a uma obstrução intestinal, após apresentar um quadro clínico de neurose obsessiva severa com impulsos homicidas.
1877	Seu irmão, Daniel Gustav, suicida-se aos 38 anos.
1878	Schreber casa-se com Ottilie Sabine Behr, que tem diabetes e teve seis abortos espontâneos.
1884	Nomeado vice-presidente do Tribunal Regional de Chemnitz. Em outubro, é derrotado nas eleições parlamentares e, em dezembro, é internado na clínica da Universidade de Leipzig por hipocondria.
1885	Recebe alta hospitalar em junho e continua em convalescença até o fim do ano.
1886	Retoma as atividades profissionais como juiz-presidente do Tribunal Regional de Leipzig.
1888	Recebe a Cruz de Cavaleiro de primeira classe.
1889	Nomeado presidente do Tribunal de Freiberg e muda-se para essa cidade.
1891	É eleito membro do Colégio Distrital de Freiberg.
1892	É reeleito membro do Colégio Distrital de Freiberg para um segundo mandato.
1893	Nomeado Presidente da Corte de Apelação de Dresden. Em novembro, consulta o professor Flechsig devido à ansiedade e insônia persistentes. Sem melhora, é novamente internado na clínica da Universidade de Leipzig.
1894	Colocado sob curatela provisória devido a uma doença mental. É internado no Hospital de Lindenhof e, posteriormente, no sanatório de Sonnenstein, onde permanecerá até 1902 com diagnóstico de <i>dementia paranoides</i> .
1899	Inicia um processo para recuperar a capacidade civil.
1900	Redige os 23 capítulos das <i>Memórias</i> . Em março, seu pedido de levantamento da curatela é rejeitado e ele recorre da decisão. Entre junho de 1900 e outubro de 1901, escreve a primeira série de suplementos às <i>Memórias</i> .
1902	Em julho, a Corte de Apelação revoga a interdição e Schreber recupera a capacidade civil. Recebe alta hospitalar em dezembro.
1903	Endereça uma carta aberta ao professor Flechsig. Adota uma menina de 13 anos. Publicação das <i>Memórias de um doente dos nervos</i> , com cortes e a supressão de um capítulo.
1907	Falecimento de sua mãe aos 92 anos. Em novembro, sua esposa sofre um acidente vascular cerebral e Schreber, em crise, é internado no sanatório de Dösen.
1914	Schreber falece em 14 de abril, aos 69 anos, no sanatório de Dösen.

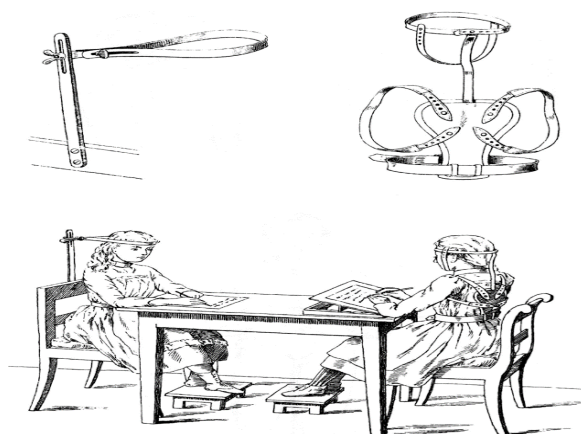
Fonte: Carone, 1984.

Da biografia de Schreber, três fragmentos merecem atenção. Primeiramente, a derrota nas eleições para o *Reichstag* (assembleia regional), no ano de 1884, que desencadeou seu primeiro colapso nervoso e culminou numa estada de seis meses no Hospital Psiquiátrico da Universidade de Leipzig, tendo sido assistido nesse período pelo Dr. Flechsig. Em segundo, a sequência de abortos espontâneos sofridos pela esposa, Ottilin Sabine, e a frustração de Schreber quanto às expectativas de paternidade. E, terceiro, a nomeação, em junho de

1893, para o cargo de *Senatspräsident*, juiz-presidente da terceira vara da Suprema Corte de Apelação. Sobre o último, Schreber atesta que, pouco após a nomeação, quando já em processo de deterioração psicótica, teve um pensamento enquanto estava semiadormecido – “a ideia de que deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito” (Schreber, 1905/1984, p. 45) –, algo que ele, em retrospecto, supõe ter dado início ao delírio de feminilidade e à confusão de identidade que estariam por vir.

A respeito do núcleo familiar de Schreber, muito se discute acerca da controversa carreira médica do pai – o ortopedista Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber – e a criação impetuosa à qual o submeteu, cujas práticas pedagógicas e equipamentos ortopédicos supostamente levaram à predisposição psicótica do filho. Não depõe a seu favor o fato de que o irmão mais velho de Schreber – Gustav – suicidou-se com um tiro em 1877, aos 38 anos de idade.

Figura 2. *Geradehalter* (em uso)



Fonte: Lacan Circle of Melbourne (2013).

O Dr. Schreber foi o idealizador do Ginástica Médica – uma espécie de manual destinado a pais e pedagogos com orientações ortopédicas e higiênicas para a educação do corpo. Até os dias de hoje, o sobrenome Schreber é conhecido na Alemanha sobretudo pelas pequenas hortas urbanas – os *Schrebergärten* – que pontilham os perímetros das cidades alemãs e receberam seu nome em homenagem a Moritz Schreber. Seus textos sobre saúde pública e os benefícios do ar puro e do exercício inspiraram a criação desses jardins no fim do século XIX.

Contudo, as ações do Dr. Moritz Schreber iam além do simples incentivo à jardinagem. Na verdade, o sistema educacional proposto pelo Dr. Schreber se resumia a aplicar a máxima pressão e coerção nos primeiros anos de vida da criança. A promoção da saúde física e mental seria alcançada ao submeter a criança a um rigoroso esquema de treinamento físico intensivo e exercícios musculares sistemáticos, aliados a medidas de contenção emocional. Quanto à mãe de Schreber, embora tenha vivido 92 anos e, portanto, acompanhado toda a doença do filho, manteve-se afetivamente distante, o que os principais biógrafos deduzem pela ausência de correspondência com o filho.

Na autobiografia, Schreber (1905/1984) se descreve, já adulto e em surto, como vítima de uma conspiração cujo principal mentor era, inicialmente, seu psiquiatra, Dr. Flechsig – de quem estava sob cuidados desde 1884, quando teve o que chamou de sua “primeira doença” – e, depois, Deus. O objetivo dessa conspiração seria, primeiro, transformá-lo em mulher; em seguida, cometer o que chama de “assassinato de alma”. Repete-se em seu relato a expressão “Ordem do Mundo”, que, na perseguição sexual, está sendo contrariada. Além disso, Schreber ouve vozes ou “pássaros miraculados” que lhe falam continuamente na “língua fundamental”, um alemão arcaico e eufemístico.

Aos poucos, o delírio persecutório sexual começa a enlaçar outros elementos e a tornar-se mais complexo, assumindo outro formato e dando contornos a um segundo momento, que consiste em um delírio persecutório sexual articulado a pensamentos religiosos e megalomaniacos. Schreber acreditava ser o único capaz de salvar a humanidade e, para isso, se transformaria em mulher para ser divinamente fecundado e gerar uma nova raça de schrebianos, os quais viriam a purificar o mundo.

Na verdade, Schreber constrói todo um vasto sistema cosmoteológico, dando dimensões metafísicas ao seu delírio, fabricando um mundo em que as almas são constituídas por “nervos”, assim como o próprio Deus, cujos nervos denominam-se “raios”. Ato contínuo, Deus não poupa esforços para consumir o assassinato da alma de Schreber, perpetrando todo tipo de barbaridades em seu corpo, alterando drasticamente suas vísceras, constantemente violando-o e manipulando-o por meio de suas entranhas.

Verifica-se que os delírios de Schreber servem sistematicamente de evidência para a tese lacaniana da subordinação do corpo à linguagem, segundo a qual, como exposto no tópico anterior, apenas por intermédio dessa última a corporeidade pode agir na constituição do sujeito e em seus processos. Lacan encontra solo fértil para isso observando que, desde o início das alterações vividas por Schreber, há uma significativa perturbação de sua experiência corporal – e que seu vocabulário diz muito sobre isso.

O próprio Schreber sublinha sem cessar a originalidade de certos termos de seu discurso. Quando ele nos fala, por exemplo, de *Nervenhang*, de adjunção de nervos, ele precisa bem que essa palavra foi dita a ele pelas almas examinadas ou pelos raios divinos. São palavras-chaves, e ele próprio nota que nunca teria achado a sua fórmula, palavras originais, palavras plenas, bem diferentes das palavras que emprega para comunicar a sua experiência. Ele próprio não se engana nesse particular, existem aí planos diferentes (Lacan, 1955-1956/1985, p. 43).

Lacan apreende que, no nível do significante, em seu caráter material, o delírio se distingue precisamente por essa forma especial de discordância com a linguagem comum que é o neologismo. É um fenômeno de linguagem típico da psicose, diferente do que, na neurose, se chama de chiste, de ato falho, de sintoma neurótico e de sonho – manifestações associadas ao inconsciente neurótico.

Isso se vê no texto de Schreber como na presença de um doente. A significação dessas palavras que fazem vocês se deterem tem como prioridade remeter essencialmente para a significação, como tal. É uma significação que basicamente só remete a ela própria, que permanece irreduzível. O próprio doente sublinha que a palavra tem peso em

Ferreira, D. F. dos S.; Simanke, R. T.

si mesma. Antes de ser redutível a uma outra significação, ela significa em si mesma alguma coisa de inefável, é uma significação que remete antes de mais nada à significação enquanto tal (Lacan, 1955-1956/1985, p. 43).

Se, na neurose, o segredo está sempre mantido por meio do recalque, o enigma da psicose é acessado mediante o neologismo. Como afirma Lacan (1955-1956/1985), “encontramos também no próprio texto do delírio uma verdade que lá não está escondida, como acontece nas neuroses, mas realmente explicitada, e quase teorizada”. Ou seja, enquanto na neurose a verdade permanece dissimulada, na psicose ela se apresenta de forma evidente, ainda que sob uma lógica própria. Para Lacan (1955-1956/1985), há dois tipos de fenômenos nos quais se projeta o neologismo: a intuição e a fórmula.

A intuição delirante caracteriza o primeiro momento em que o significante se impõe na experiência de forma original, o que tem para o sujeito um caráter submergente, inundante. A palavra de forma plena “lhe revela uma perspectiva nova, cujo cunho original e cujo sabor particular ele sublinha” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 44). É uma certeza subjetiva e imediata que o sujeito psicótico tem sobre algo, sem qualquer base lógica ou empírica para sustentá-la. Uma percepção instintiva e equivocada, vivida como uma “revelação”, em que o sujeito sente que tem um conhecimento profundo e absoluto, mas sem a mediação simbólica que ancoraria essa percepção à realidade objetiva. É marcada pela ausência de raciocínio lógico e pela impossibilidade de questionar ou integrar essa certeza ao universo simbólico compartilhado, levando o sujeito a viver com a sensação de uma verdade única e pessoal, mas completamente desconectada do mundo externo.

Há também uma segunda forma de apresentação do neologismo, que é em seu caráter repetitivo, quando a significação já não remete a mais nada, numa espécie de “fórmula do vazio” – que Lacan (1955-1956/1985) intitulou ritornelo. O conceito de ritornelo tem suas raízes na obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, mas é apropriado por Lacan para descrever uma repetição ou retorno de um elemento, uma imagem ou um som, que se torna um ponto de fixação para o sujeito psicótico, funcionando como uma forma de “âncora” que organiza e estabiliza seu mundo interno, à imagem de Schreber “quando fala da língua fundamental na qual ele foi introduzido por sua experiência. Ali, a palavra – com sua ênfase plena, como dizem a palavra do enigma – é a alma da situação” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 44).

Lacan vai tomar como exemplo a língua fundamental de Schreber – a mistura de alemão arcaico que ele utiliza para se comunicar com Deus e que lhe foi transmitida pelos raios divinos.

Os raios puros falam, eles são essencialmente falantes, há uma equivalência entre raios, raios falantes, *nervos de Deus*, mais todas as formas particulares que eles podem tomar, até e inclusive suas formas diversamente miraculosas, entre as quais as tesouras. Isso corresponde a um período em que domina o que Schreber chama a *Grundsprache*, espécie de alto alemão delicioso que tem a tendência de se exprimir por eufemismos e por antífrases – uma punição se chama, por exemplo, uma recompensa e com efeito a punição é, à sua maneira, uma recompensa (Lacan, 1955-1956/1985, p. 128).

Nessa citação, está indicado um dos tópicos mais marcantes no delírio de Schreber, isto é, sua relação com Deus – que configura um ponto de relativa afinidade nas leituras de

Freud e Lacan sobre o caso. No curso de seu terceiro seminário, Lacan usufrui da análise freudiana do caso Schreber e a utiliza em partes para construir sua própria teoria sobre as psicoses. Resumidamente, Freud (1911/2010) supõe ter encontrado o mecanismo que constitui a paranoia de Schreber: seria uma defesa que se ergueu contra o surgimento de uma libido homossexual extremamente difícil de processar. Esse conflito, por sua vez, teria se transformado em um delírio religioso e megalomaniaco, voltado para o deleite narcísico, permitindo uma saída satisfatória para as forças do eu. Nesse sentido, a aceitação da feminilidade reprimida torna-se viável ao ser deslocada para um contexto divino, no qual a submissão ao desejo de Deus passa a ser percebida como parte da ordem cósmica. Assim, a ideia de emasculação deixa de ser vivenciada como uma desgraça e passa a ser resignificada em um grande plano universal, no qual a recriação da humanidade decadente ganha sentido. Dessa maneira, a megalomania emerge como uma forma de compensação, enquanto a fantasia feminina de desejo se manifestou, permitindo que o Eu encontre uma solução aceitável para o conflito psíquico.

Todavia, Freud chega a outra constatação importantíssima que, além de elucidar o caso de Schreber, contribui para o estudo das psicoses ao apontar que, mais do que impulsos homossexuais na origem da enfermidade, há um conflito relacionado ao complexo paterno. Segundo ele, a disputa que Schreber vivenciou com seu médico Flehsig, que em última análise o conduziu ao seu embate com o divino, pode ser compreendida como a expressão de um conflito infantil com a figura paterna. Embora os detalhes específicos dessa relação não sejam conhecidos, Freud (1911/2010) sugere que foram justamente essas particularidades que influenciaram a construção do delírio do paciente.

Ou seja, no delírio de Schreber, a figura de Deus com a qual o paciente se encontra em conflito é vista por Freud como uma representação do pai do Complexo de Édipo, na sua função de suporte da Lei, de interdição do incesto e, acima de tudo, como porta-voz da ameaça de castração. Logo, além da hipótese de que o cerne da moléstia de Schreber seria decorrente de uma defesa contra sua homossexualidade latente, Freud complementa que “A mais temida ameaça do pai, a castração, realmente proporcionou o material para a fantasia-desejo de transformação em mulher, primeiro combatida e depois aceita” (Freud, 1911/2010, p. 49). Freud conclui que a mudança de homem para mulher é para Schreber a única saída perante o temor à castração paterna.

Essa é, entre as suposições de Freud (1911/2010) em *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia*, a interpretação de maior contribuição para Lacan – isto é, o delírio de Schreber pensado pelas lentes do complexo paterno. Sobre a leitura freudiana, Lacan diz que, sejam quais forem certas fraquezas da argumentação freudiana a respeito da psicose, é inegável que a função do pai é tão exaltada em Schreber que não é preciso nada menos que Deus, o pai – e num sujeito para quem até então isso não tinha sentido algum – para que o delírio chegue a seu ponto de acabamento, de equilíbrio. A prevalência, em toda a evolução da psicose de Schreber, das personagens paternas que se substituem umas às outras, e vão sempre crescendo e se envolvendo umas às outras até se identificarem com o próprio Pai Divino, com a divindade marcada pela ênfase propriamente paterna, é inegável, inabalável. E destinada a nos fazer recolocar o problema – como

é possível que algo que dê tanta razão a Freud não seja abordado por ele senão sob certos modos que deixam a desejar? (Lacan, 1955-1956/1985, p. 353).

Freud e Lacan concordam que há uma associação crucial entre a figura do pai e Deus – questão de grande valor para a compreensão de todo o sistema delirante descrito por Schreber. Posto na versão lacaniana, o que está em jogo na fenomenologia da psicose é o encontro de Schreber com o significante paterno e uma impossibilidade estrutural de abordagem desse significante. O período pré-psicótico de Schreber é comparado por Lacan a um tamborete de três pés⁴. Por não ter completado o Édipo, o sujeito se equilibra nos três pés do tamborete, por meio de uma compensação do que no Édipo esteve ausente.

Nem todos os tamboretos têm quatro pés. Há os que ficam em pé com três [...]. É possível que de saída não haja no tamborete pés suficientes, mas que ele fique firme assim mesmo até certo momento, quando o sujeito, numa certa encruzilhada de sua história biográfica, é confrontado com esse defeito que existe desde sempre. Para designá-lo, contentamo-nos até o presente com o termo *Verwerfung* (Lacan, 1955-1956/1985, p. 237).

Teria sido mediante muletas imaginárias – entendidas por Lacan como recursos fantasiosos que servem como suporte compensatório na psicose – que Schreber, em seu tamborete de três pés, deu conta das primeiras décadas de sua vida, marcadas por várias conquistas intelectuais e profissionais. As muletas imaginárias representam tentativas de compensação psíquica do sujeito psicótico para lidar com a falta de uma mediação simbólica estável, que, no caso de Schreber, se manifesta de forma distorcida na relação com seu corpo, seus delírios e suas interações com Deus e o mundo.

No entanto, Lacan (1955-1956/1985) se questiona: “O que será que torna subitamente insuficientes as muletas imaginárias que permitiam ao sujeito compensar a ausência do significante?”. O que teria aberto a psicose do presidente Schreber? Ele explica que seria na medida de um certo apelo ao qual o sujeito não pode responder, o qual produz “uma abundância imaginária de modos de seres que são outras tantas relações com o outro com a minúsculo, abundância que suporta um certo modo da linguagem e da fala” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 297, ver também p. 353). Esse encontro com o significante marcaria a entrada na psicose.

Vejam em que momento de sua vida a psicose do presidente Schreber se declara. Mais de uma vez, ele esteve em situação de esperar tornar-se pai. Ei-lo a um só tempo investido de uma função considerável socialmente, e que tem muito valor para ele – ele se torna presidente no Tribunal de Apelação. [...] Ei-lo introduzido no ápice da hierarquia legisladora, entre homens que fazem leis e que têm todos mais vinte anos que ele – perturbação da ordem das gerações. Em virtude de quê? De uma convocação expressa dos ministros. Essa promoção de sua existência nominal solicita dele uma integração

4 Apesar de, na época, Lacan utilizar noções deficitárias para falar da psicose, sempre partindo de uma noção de falta, as mudanças em seu ensino ao longo do tempo problematizam esse entendimento. Lacan, em momentos posteriores, irá se distanciar dessa perspectiva, enfatizando que a psicose não pode ser entendida apenas como uma falha ou ausência, mas como uma estrutura que opera de maneira própria no campo simbólico.

renovadora. Trata-se afinal de contas de saber se o sujeito se tornará, ou não, pai. É a questão do pai, que centra toda a investigação de Freud, todas as perspectivas que ele introduziu na experiência subjetiva (Lacan, 1955-1956/1985, pp. 359-360).

É de comum acordo entre Freud e Lacan que o cargo no Tribunal de Apelação, ainda que almejado por Schreber, era algo impossível de ser ocupado, por se tratar de um trabalho que comumente era exercido por homens mais velhos. E, na contextualização de sua incapacidade de gerar um filho, o esperado descendente que carregaria o sobrenome Schreber, esse cenário é agravado.

Qual é o significante que é posto em suspenso em sua crise inaugural? É o significante *procriação* em sua forma mais problemática, aquela que o próprio Freud evoca a propósito dos obsessivos, que não é a forma *ser mãe*, mas a forma *ser pai*. [...] O presidente Schreber está falto, segundo o que se sabe, deste significante fundamental que se chama ser pai. Por isso é preciso que ele cometa um erro, que ele se embrulhe, até pensar estar ele próprio prenhe como uma mulher. Foi preciso que ele próprio se imaginasse mulher, e realizar numa gravidez a segunda parte do caminho necessário para que, adicionando-se um ao outro, a função ser pai seja realizada (Lacan, 1955-1956/1985, pp. 329-330, grifos do autor).

O Deus de Schreber é para Lacan uma metáfora privilegiada para o grande Outro, o Outro simbólico, a personificação suprema da lei – daí a experiência profundamente carnal do delírio hipocondríaco em que se expressa o conflito. Vale lembrar que, com o início da condição de Schreber, há também uma grave perturbação de sua experiência corporal: seus pulmões são reabsorvidos, seus órgãos genitais liquefeitos, o esôfago e o intestino volatilizados, o osso da calota craniana pulverizado e, mais de uma vez, ele engole a própria traqueia. Assim ele retrata esse período: “Eu sou o primeiro cadáver leproso e conduzo um cadáver leproso” (Schreber, 1905/1984, p. 76).

A questão do corpo é tão dominante que, mesmo com o posterior direcionamento para uma organização paranoica de tema religioso, Schreber ainda sofria violentas alucinações corporais. Ele descreve rituais em que fita sua imagem no espelho e adorna-se com o peito nu. Relata observar no espelho a mudança no seu corpo para a condição de mulher. Essas sensações corporais parecem ser uma tentativa de conciliação pela ideia delirante de que era preciso – para salvar a humanidade – ser transformado em mulher de Deus. Tal ideia delirante ganha em certo momento o estatuto de uma metáfora delirante, que produz estabilização por um período, momento em que pôde dedicar-se à escrita de suas *Memórias...*

Para efeito de explicação, a metáfora delirante surge no contexto da psicose como uma tentativa do sujeito de substituir algo que não foi simbolicamente inscrito ou que se perdeu no campo do significante. No delírio, há uma substituição de um significante ausente por outro, de maneira que se cria um novo sentido, mas que é distorcido. A metáfora delirante é a forma como o sujeito psicótico tenta substituir a falta de significantes fundamentais, como o pai ou a Lei, com uma metáfora que, embora não seja racional – como se transformar em mulher para redimir a humanidade – permite ao sujeito dar sentido ao que é incompreensível ou insuportável no seu campo simbólico.

De que corpo se fala na psicose?

Aqui se chega ao ponto central deste trabalho: afinal, como se poderia falar de uma experiência simbólica do corpo na psicose? Não se deve esquecer de que o percurso elaborativo feito por Lacan em seu terceiro seminário se desenrola por uma via de ênfase no simbólico, o que, em última análise, serve como uma bússola para a apreciação dessa pergunta. Mas, antes disso, é preciso voltar à noção de uma experiência imaginária do corpo no que concerne ao seu desenvolvimento – um corpo despedaçado, sem contorno e, de certa maneira, estranho, que se constitui desde a alienação de sua imagem e a imagem do outro. Essa dimensão do estranhamento é a mesma do Estágio do Espelho, que culmina num eu virtual que não representa o sujeito tal como é, mas como uma figura homogênea advinda do meio externo, distinta da ambiguidade pulsional e do corpo desorganizado em suas partes.

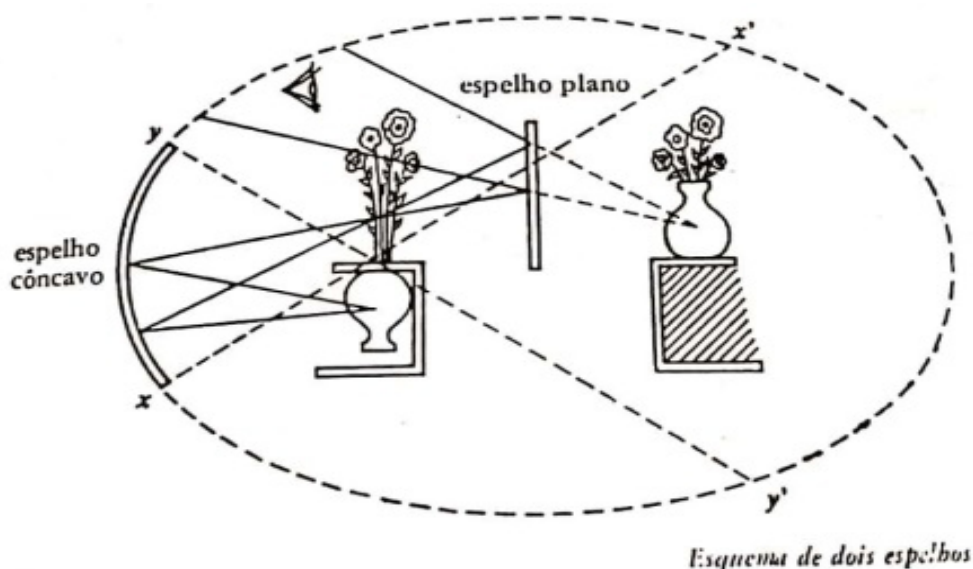
Essa formação primitiva da qual se deriva o eu – em sua condição de elemento cuja confecção é extrínseca – é como a reedição de um fenômeno análogo ao delírio paranoico: surge um eu, mas que se aliena à exterioridade da forma/imagem de seu corpo. A paranoia desponta como o mecanismo mais universal do eu que se compõe nessa primeira identificação, a qual encapsula o sujeito continuamente ao longo de sua trajetória – e que, nesse paradigma, não pode trazer ao indivíduo senão a enfadonha discrepância entre o corpo orgânico e a imagem do corpo, alienada ao outro na relação imaginária. Essa é a base do conhecimento paranoico, que tem como fundamento a identificação primeira do Estágio do Espelho como formadora do eu como outro. Tudo isso é levado às últimas consequências na psicose, na medida em que se vê como a relação com a alteridade e com o próprio corpo se desenlaça nos fenômenos delirantes e invasivos associados à sintomatologia desses casos. Não surpreende que na autobiografia de Schreber não faltam imagens do corpo despedaçado.

Abrindo um parêntese, cabe comentar novamente como Lacan diferencia as duas formas clínicas da psicose – a esquizofrenia e a paranoia. O conceito freudiano de narcisismo vai servir como baliza para que Lacan estabeleça uma demarcação para a regressão experimentada na esquizofrenia como corpo despedaçado (anterior à identificação de uma imagem tomada como matriz simbólica do eu), e também para a paranoia, em que o sujeito é aprisionado em uma relação com a imagem especular e detém-se identificado com o seu eu (na alienação imaginária a e a'). Na análise do caso Schreber, verifica-se a presença de ambas as condições clínicas, ainda que a enfermidade tenha se organizado sobretudo numa paranoia. Seus sintomas, que não eram poucos, são compreendidos por Lacan no interior de sua estrutura psicótica: Schreber era hipocondríaco, mas sua hipocondria estava inserida no todo de sua transformação corporal, essencial na construção de seu delírio paranoico.

Retornando à questão do eu e do corpo, anos depois de idealizar sua teoria do Estágio do Espelho, Lacan vai progressivamente refinando sua proposta de constituição do eu, agora baseado em instrumentais bastante específicos, notadamente nos que advêm do estruturalismo e da linguística. Ele adiciona que a imagem precisa de um aparelho simbólico – o que culmina na formulação do Esquema Óptico. Sucintamente, esse esquema se traduz na concepção de que, antes que possa se apropriar da imagem refletida, a criança volta seu olhar à mãe, que exerce o papel de grande Outro ao legitimar simbolicamente o valor dessa

imagem, intervindo na relação narcísica do bebê com seu pequeno outro no espelho. O corpo do bebê é uma construção feita a partir de algo que provém da mãe e sua função simbólica – e desse momento em diante é igualmente subordinado aos símbolos.

Figura 3. O Esquema Óptico



Fonte: Lacan (1953-1954/1986).

É nessa passagem do corpo despedaçado do autoerotismo, ou seja, na passagem do eu especular e imaginário para o campo do grande Outro, que Lacan vai discutir a temática da corporeidade nas psicoses. Como foi evidenciado, sob a óptica lacaniana, é função do Nome-do-Pai, como significante primordial, sustentar a imagem do corpo, como também ordenar aquilo que é concebido pelo sujeito como corpo próprio. Sabe-se que, na psicose, não se realiza essa inscrição em decorrência da forclusão do Nome-do-Pai, o que gera toda a problemática voltada para a aquisição de um corpo próprio e de um eu corporal. Isto é, como a libido que retorna para o corpo na psicose não está apoiada em uma matriz simbólica de um corpo imaginário, a experiência que se tem é de um corpo despedaçado, descrito de modo exemplar por Schreber em suas *Memórias...* Como Lacan (1955-1956, p. 294, grifos do autor) formula, “Sem dúvida alguma vocês devem acabar por se dizerem – *Afinal de contas, não sabemos que, nas significações que orientam a experiência analítica, esse significante é dado pelo corpo próprio?*”.

Se a relação com o próprio corpo é mediada pelo significante, e vai ser construída a partir da alteridade, da identificação e da relação com os objetos, o sujeito psicótico está impossibilitado de, por meio do simbólico, fazer uma distinção clara entre imaginário e real. Daí se mostra necessário lançar mão de mecanismos que darão maior consistência à existência do sujeito, como as muletas imaginárias e a metáfora delirante. Mesmo o delírio vai, na maioria dos casos, se adaptar, caminhar na direção da reconstituição de uma suplência à falha do significante paterno, mesmo que essa reconstituição também possa ruir posteriormente, quando confrontada com uma nova situação que exponha a sua fragilidade – como Lacan prevê em sua alegoria do tamborete de três pés.

Ferreira, D. F. dos S.; Simanke, R. T.

A título de exemplo, o mês de novembro de 1895 é indicado pelo próprio Schreber como a época em que se produziu o nexo entre a fantasia de emasculação e a ideia de ser redentor – e, desse modo, preparou-se o caminho para uma conciliação com a primeira. Lacan se debruça sobre essa intrincada solução encontrada por Schreber, que passa pela metáfora delirante – a ideia de se tornar mulher para copular com Deus e dar ao mundo uma nova raça de schrebianos. Trata-se de um apaziguamento pela beatitude que reorganiza o campo de realidade, diminuindo também a hiância entre os registros imaginário e simbólico. Desse jeito, a metáfora delirante seria uma saída cuja função é de estabilização. Seguindo essa linha de argumentação, pode-se dizer que o delírio é uma forma de resposta do sujeito ao confronto com o real, quando não é possível uma intermediação do aparelho simbólico. O real do corpo ganha, assim, uma significação, tal como ocorre com Schreber, que faz uma passagem de sintomas hipocondríacos e vivências do corpo despedaçado para uma paranoia, que oferece uma unidade corporal forjada por um sentido delirante.

A partir do que chamo a badalada de anúncio da entrada na psicose, o mundo soçobra na confusão, e podemos seguir passo a passo como Schreber o reconstruiu, numa atitude de consentimento progressivo, ambíguo, reticente, *reluctant*, como dizem os ingleses. Ele admite pouco a pouco que a única forma de sair disso, de salvar uma certa estabilidade em suas relações com as entidades invasoras, desejantes, que são para ele os suportes da linguagem desencadeada de sua algazarra interior, é a de aceitar sua transformação em mulher. Não vale mais, depois de tudo, ser uma mulher de espírito que um homem cretinizado? Seu corpo é assim progressivamente invadido por imagens de identificação feminina às quais ele abre a porta, deixa apoderar-se, faz-se possuir por elas, remodelar. Há em alguma parte, numa nota, a noção de deixar as imagens entrarem dentro dele. E é a partir desse momento que ele reconhece que o mundo não parece aparentemente ter mudado a tal ponto desde o início de sua crise – retorno de um certo sentimento, sem dúvida problemático, da realidade (Lacan, 1955-1956/1985, p. 290).

Conforme já visto, Lacan considera que é no registro da fala que se explica toda a riqueza da fenomenologia da psicose. Ele propõe que, assim como qualquer discurso, “um delírio deve ser julgado em primeiro lugar como um campo de significação que organizou um certo significante” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 141). Contudo, ele se questiona: de onde esse discurso é extraído? Responde ele: do próprio corpo. Assim dizendo, o corpo parece oferecer, num certo nível, a possibilidade de nomeação desse discurso. O corpo é suporte do discurso, mesmo que esse discurso seja o discurso do alienado.

Já que se trata do discurso, do discurso impresso do alienado, que estejamos na ordem simbólica é, portanto, indiscutível. Posto isso, qual é o material mesmo desse discurso? [...] *De maneira geral, o material é o próprio corpo.* A relação ao corpo próprio caracteriza no homem o campo, afinal de contas, reduzido, mas verdadeiramente irreduzível do imaginário. [...] Essa relação, sempre no limite do simbólico, só a experiência analítica permitiu apreendê-la em suas últimas instâncias. Eis o que nos demonstra a análise simbólica do caso de Schreber. Só pela porta do simbólico é que se consegue penetrá-lo (Lacan, 1955-1956/1985, pp. 19-20, grifos nossos).

Considerações finais

Existe, no sujeito falante, na sua gênese, uma descontinuidade entre o ser, como ficção, e o sujeito – tal qual entre o sujeito e o próprio corpo. O saber a respeito de si mesmo e de seu corpo, no caso da neurose, mantém-se relativamente firme e sustentado pelo significante primário. Porém, no caso da psicose, a falta desse significante fragiliza ainda mais a relação disjunta entre o sujeito e o seu corpo, que passa a depender de outros dispositivos e suplências para dar conta do real que se apresenta de modo avassalador em algumas experiências corporais.

Na psicanálise promovida por Lacan durante a primeira metade da década de 1950, o conceito do Nome-do-Pai ocupa um lugar central por sua função simbólica e estruturante. Esse termo não se refere exclusivamente ao pai biológico, mas à figura simbólica que representa a Lei, a autoridade e a interdição. Ele é considerado um “significante mestre” porque organiza e hierarquiza os outros significantes no campo simbólico do sujeito.

A função do Nome-do-Pai está intimamente ligada à aquisição de um estatuto de corpo pelo sujeito. Antes da intervenção dessa instância simbólica, o indivíduo vive uma experiência marcada pela fragmentação do *corps morcelé*, característica da fase inicial de desenvolvimento descrita por Lacan no Estágio do Espelho. Nesse momento, a criança ainda não tem uma imagem unificada de si mesma, o que gera a sensação do corpo despedaçado. A introdução do Nome-do-Pai é o que permite ao sujeito organizar simbolicamente seu corpo, estabelecendo limites e promovendo a percepção de si como uma unidade integrada.

Mais do que uma simples estruturação do corpo, a intervenção do Nome-do-Pai também é essencial para a constituição da subjetividade. Ao se inserir no campo simbólico, o sujeito passa a articular seus desejos e relações com o mundo por meio da linguagem, mediada por esse significante. Assim, o Nome-do-Pai é o que possibilita ao indivíduo sair do caos pulsional inicial e entrar em uma dinâmica simbólica na qual o desejo e a Lei coexistem. Essa transição não apenas organiza a experiência do sujeito, mas também fundamenta sua interação com o outro e com a cultura. Por isso, quando essa instância simbólica não se estabelece de forma adequada, o sujeito enfrenta impasses na estruturação de sua identidade e na distinção dos limites entre si mesmo, o outro e o mundo.

Com base no caso Schreber, Lacan (1955-1956/1985) conclui que os sintomas e fenômenos que envolvem o sujeito psicótico e sua relação com o corpo podem ser compreendidos como tentativas de estabilização diante das dificuldades impostas pela ausência de uma inscrição simbólica estruturante. Nesse contexto, Schreber emerge como uma ilustração exemplar dessas manifestações, demonstrando como esses esforços funcionam como uma suplência à insuficiência do significante paterno, evidenciando os desafios enfrentados quando o aparelho simbólico não consegue operar plenamente como mediador da experiência subjetiva.

Chega-se a duas conclusões principais: a primeira é que o corpo, para Lacan, nesse momento específico de sua produção, é aquele que sofre a ação de uma inscrição em decorrência da entrada da linguagem; a segunda é que, na psicose, essa inscrição não ocorre. Sob essa perspectiva, evidentemente, Lacan rejeita qualquer explicação de natureza orgânica para os fenômenos psicóticos. Em vista disso, tece-se a crítica de que, na tese lacaniana da

psicose (em especial como se encontra no terceiro seminário), há uma postura em essência antinaturalista – atitude que, visando preservar a especificidade do mundo humano, acaba por desumanizá-lo num grau ainda mais elevado do que o reducionismo organicista ao qual pretendia se opor. Aqui se tem um ponto de partida para uma discussão crítica da postura lacaniana diante do problema da corporeidade psicótica. A abordagem da corporeidade restrita às suas dimensões imaginárias e simbólicas levanta o problema do corpo real para Lacan, que vai desenvolver mais refinamentos teóricos nos anos seguintes para tentar contornar essa questão.

Mesmo uma leitura atenta do seminário das psicoses leva a crer que já existe um movimento, ainda que de modo incipiente, de articular o registro do real no pensar da estrutura psicótica. Lacan foi a cada lição destacando o papel, na psicose, da falta de um significante primordial, o Nome-do-Pai, e como, quando essa rejeição se produz e a metáfora paterna falha, os significantes são foracluídos e retornam de fora pela via do real – como é o caso dos fenômenos alucinatórios e delirantes vistos em Schreber. Nesse sentido, Lacan se ocupou em conjecturar o inconsciente na psicose como aquilo que retorna no real. Naturalmente, o conceito de real aqui é ainda embrionário, mas pode-se observar que desde já Lacan procura uma articulação entre os três registros. Ao que parece, essa articulação se tornará cada vez mais fundamental para se pensar a corporeidade em Lacan.

Por último, sobre Daniel Paul Schreber, que passou 13 anos de sua vida em sanatórios psiquiátricos, terminando seus dias demenciado e internado, pode-se dizer que talvez nunca tenha correspondido ao modelo de cidadão ilustre que seu pai ansiava. Entretanto, ele atingiu a imortalidade que os Schreber sempre requisitaram, sendo tardiamente consagrado como um cativante escritor modernista. Ao publicar o livro *Memórias de um doente dos nervos*, Schreber (1905/1984) trouxe grandes contribuições para o cenário científico que se estende até os dias atuais, possibilitando a produção de várias análises que discutiam e ainda discutem questões sobre sua vida e seu adoecimento. A proliferação de livros e artigos posteriores dedicados a Schreber, que não dá sinais de arrefecimento, atesta a força e a produtividade reveladoras de sua transmissão.

Referências

- Carone, M. (1984). Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In Schreber, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*. (Vol. 5, pp. 7-19). Rio de Janeiro: Edições Graal. (Trabalho original publicado em 1905).
- Caropreso, F. & Simanke, R. T. (2006). *A linguagem de órgão esquizofrênica e problema da significação na metapsicologia freudiana*. *Revista de Filosofia da PUC-PR*, 18(23), 105-128.
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In Freud S. *Obras completas*. (Vol. 14, pp. 161-239, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*Dementia paranoides*) relatado em autobiografia. In Freud S. *Obras Completas*. (Vol. 10, pp. 13-107). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).

Ferreira, D. F. dos S.; Simanke, R. T.

- Lacan Circle of Melbourne (2013). *Biographical and Historical Background to Freud's Schreber Case*. Recuperado em 12/05/2025 em: <<https://melbournelacanian.wordpress.com/2013/05/25/biographical-and-historical-background-to-freuds-schreber-case/>>
- Lacan, J. (1985). *O Seminário. Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1986). *O seminário: Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original de 1953-1954).
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In Lacan J. *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Schreber, D. P. (1984). *Memórias de um doente dos nervos* (Vol. 5, M. Carone, Trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal. (Trabalho original publicado em 1905).
- Simanke, R. T. (2002). *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. Curitiba: Editora UFPR.

The concepts of body and psychosis in the psychoanalysis of Jacques Lacan

Abstract

The body is a recurring theme in Lacanian theory, in which the subject's relationship with its body is mediated by both the image and the signifier. This complex dynamic is articulated in two pivotal moments of Lacan's teaching. Firstly, his mirror stage theory posits the image as the primary operator of the body's subjectivation, situating the subject's constitution predominantly within the imaginary register. Later, Lacan shifts emphasis to the symbolic register, where the signifier becomes the paramount mediator of the subject's relationship with its body, now conceived primarily as a support for the inscriptions of the letter. This research examines the concept of the body in Lacan's theorization of psychosis, drawing on his analysis of the Schreber case. This case is chosen for its instrumental role in developing Lacan's theory of psychosis and the prominence of bodily symptoms in its clinical presentation. The study adopts a theoretical-conceptual approach, focusing on Lacan's third seminar (1955-1956) and his interpretation of Schreber's memoir. Through this analysis, Lacan argues that the symptoms and phenomena involving the psychotic subject and its body can be understood as attempts at stabilization, compensating for the absence of the paternal signifier when symbolic mediation is unattainable.

Keywords: Body, Psychosis. Lacan. Schreber.

Le corps et la psychose dans la lecture lacanienne du cas Schreber

Résumé

La thématique du corps est un sujet récurrent dans la théorie lacanienne. La relation du sujet avec le corps, pour Lacan, est doublement médiatisée par l'image et par le signifiant, comme cela s'exprime à deux moments emblématiques de son enseignement. Dans un premier temps, dans la théorisation du stade du miroir, le principal opérateur de la subjectivation du corps est l'image, et la constitution du sujet est pensée principalement dans le registre de l'imaginaire. Dans un second temps, Lacan privilégie le registre du symbolique, et le signifiant devient le médiateur par excellence de la relation du sujet avec le corps, désormais conçu avant tout comme un support pour les opérations de la lettre. Dans ce contexte, l'objectif de cette recherche est de réfléchir à la question du corps dans la théorisation des psychoses à partir de la lecture que Lacan fait du cas Schreber. Le cas Schreber a été choisi en raison de sa pertinence dans l'élaboration de la théorie lacanienne des psychoses et aussi en raison de l'importance des symptômes corporels dans la symptomatologie du cas. Cette investigation,

de nature théorique-conceptuelle, analyse essentiellement le troisième séminaire de Lacan, en mettant en avant sa lecture et son interprétation du livre de mémoires de Schreber au fil du séminaire, ainsi que sa reprise et sa critique de l'approche freudienne. À partir du cas Schreber, Lacan conclut que les symptômes et phénomènes impliquant le sujet psychotique et son corps peuvent être conçus comme des tentatives de stabilisation, qui suppléent au manque du signifiant paternel lorsqu'une médiation par l'appareil symbolique n'est pas possible.

Mots-clés: Corps, Psychose, Lacan, Schreber.

Cuerpo y psicosis en la lectura que hace Lacan del caso Schreber

Resumen

La temática del cuerpo es un asunto bastante recurrente en la teoría lacaniana. La relación del sujeto con el cuerpo, para Lacan, está doblemente mediada por la imagen y por el significante, tal como se expresa en dos momentos emblemáticos de su obra. En un primer momento, en la conceptualización del estadio del espejo, el principal operador de la subjetivación del cuerpo es la imagen, y la constitución del sujeto se concibe, sobre todo, en el registro de lo imaginario. En un segundo momento, Lacan privilegia el registro de lo simbólico, y el significante se convierte en el mediador por excelencia de la relación del sujeto con el cuerpo, ahora concebido, ante todo, como soporte para las operaciones de la letra. En este contexto, el objetivo de esta investigación es reflexionar sobre la cuestión del cuerpo en la teorización de las psicosis, a partir de la lectura que Lacan realiza del caso Schreber. El caso Schreber fue elegido por su relevancia en la formulación de la teoría lacaniana de las psicosis y también por el protagonismo que tienen los síntomas corporales en la sintomatología del caso. Esta investigación, de carácter teórico-conceptual, analiza esencialmente el tercer seminario de Lacan, haciendo especial énfasis en su lectura e interpretación del libro de memorias de Schreber a lo largo del mismo, y en su retomada y crítica del enfoque freudiano. A partir del caso Schreber, Lacan concluye que los síntomas y fenómenos que involucran al sujeto psicótico y su cuerpo pueden concebirse como intentos de estabilización que suplen la falta del significante paterno cuando no es posible una mediación del aparato simbólico.

Palabras clave: Cuerpo, Psicosis, Lacan, Schreber.

Recebido em: 04/06/2024

Revisado em: 15/02/2025

Aceito em: 25/02/2025

Le corps et la psychose dans la lecture lacanienne du cas Schreber

Daniele França dos S. Ferreira⁵

Richard Theisen Simanke⁶

Résumé

La thématique du corps est un sujet récurrent dans la théorie lacanienne. La relation du sujet avec le corps, pour Lacan, est doublement médiatisée par l'image et par le signifiant, comme cela s'exprime à deux moments emblématiques de son enseignement. Dans un premier temps, dans la théorisation du stade du miroir, le principal opérateur de la subjectivation du corps est l'image, et la constitution du sujet est pensée principalement dans le registre de l'imaginaire. Dans un second temps, Lacan privilégie le registre du symbolique, et le signifiant devient le médiateur par excellence de la relation du sujet avec le corps, désormais conçu avant tout comme un support pour les opérations de la lettre. Dans ce contexte, l'objectif de cette recherche est de réfléchir à la question du corps dans la théorisation des psychoses à partir de la lecture que Lacan fait du cas Schreber. Le cas Schreber a été choisi en raison de sa pertinence dans l'élaboration de la théorie lacanienne des psychoses et aussi en raison de l'importance des symptômes corporels dans la symptomatologie du cas. Cette investigation, de nature théorico-conceptuelle, analyse essentiellement le troisième séminaire de Lacan, en mettant en avant sa lecture et son interprétation du livre de mémoires de Schreber au fil du séminaire, ainsi que sa reprise et sa critique de l'approche freudienne. À partir du cas Schreber, Lacan conclut que les symptômes et phénomènes impliquant le sujet psychotique et son corps peuvent être conçus comme des tentatives de stabilisation, qui suppléent au manque du signifiant paternel lorsqu'une médiation par l'appareil symbolique n'est pas possible.

Mots-clés : Corps. Psychose. Lacan. Schreber.

⁵ Psychologue (CRP 04/58695) et étudiante au programme de master en psychologie à l'Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (Minas Gerais, Brésil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6907-0496>. E-mail de contact: dfrancapsicologia@gmail.com

⁶ Professeur titulaire au département de psychologie de l'Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (Minas Gerais, Brésil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6405-8776>. E-mail de contact: richardsimanke@uol.com.br

Introduction

En 1902, Daniel Paul Schreber, Président de la Cour d'appel de Dresde, à l'est de l'Allemagne, qui avait été interné dans un établissement psychiatrique pendant neuf ans, a réussi un exploit sans précédent : il a rédigé lui-même sa défense afin d'obtenir sa sortie de l'asile et a parvenu à faire annuler sa mise sous tutelle. La principale preuve qu'il a présentée dans son recours a été son autobiographie, ultérieurement publiée par l'excentrique maison d'édition Oswald Mutze, à Leipzig, sous le titre *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken* (en français, *Mémoires d'un névropathe*). Depuis lors, son œuvre a compté de nombreux lecteurs, parmi lesquels figurent de grandes figures comme Freud et Lacan, qui ont abordé les *Mémoires...* de Schreber comme un cas clinique et les ont utilisées pour élaborer leurs théories sur les psychoses.

L'originalité du cas Schreber tient au fait impressionnant qu'il est extrêmement rare qu'un cas aussi aigu évolue de manière à permettre au sujet de relater de sa propre main ses constructions délirantes. Néanmoins, cette exposition est réalisée avec une minutie et une objectivité qui créent un contraste intéressant entre une thématique à la fois religieuse, médicale et eschatologique (dans les deux sens du terme) et une forme exprimée dans le langage académique le plus conventionnel, propre à un juriste allemand de formation puritaine et traditionnelle. L'écriture singulière de Schreber a été valorisée par Lacan, dont l'adhésion a fini par consacrer son livre de mémoires comme un classique de la littérature psychanalytique.

Le titre de ce travail contient deux termes, « corps » et « psychose », qui, pris séparément, pourraient chacun servir de fil conducteur à une lecture complète des écrits et séminaires de Lacan. Toutefois, pour des raisons méthodologiques, cette étude se limite à présenter un aperçu de la manière dont ces deux concepts sont progressivement introduits et développés par Lacan dans la première moitié des années 1950. Ce texte a privilégié principalement l'usage de sources primaires pour sa fondation. Il ne s'agit pas ici de négliger le mérite de la littérature secondaire, mais de reconnaître la valeur du texte classique dans la discussion du problème de recherche.

Dans cette perspective, le but de cette étude, de nature essentiellement bibliographique, est d'examiner la question de la corporité dans la théorisation des psychoses à partir de l'interprétation que Lacan fait du cas Schreber. Le choix de ce cas se justifie par sa pertinence dans l'élaboration de la théorie lacanienne des psychoses, ainsi que par l'importance que le corps occupe dans la symptomatologie du cas.

Toute étude théorique de qualité doit commencer par une définition claire et précise de l'objet de recherche. Toutefois, face à la difficulté de proposer une définition conceptuelle unique et exacte du « corps » chez Lacan, cette conceptualisation sera continuellement réitérée au fil du texte, en fonction de la période de son œuvre à laquelle elle se réfère. De toute évidence, les éléments de la métapsychologie lacanienne voient leurs sens évoluer en fonction des projets auxquels Lacan s'est rattaché à différents moments de sa bibliographie. En résumé, on identifie un premier moment (vers 1930) dans la théorie lacanienne encore naissante de l'imaginaire, organisée autour du concept du stade du miroir, où le corps apparaît principalement dans la théorie comme l'image du corps – en d'autres termes, le corps réel,

biologique, ne devient « propre » qu'à travers son image. Puis, dans un second moment, lorsque le registre lacanien du symbolique est privilégié dans sa rhétorique – dans le cadre de son alignement avec le structuralisme – le corps se présente comme support de la lettre, c'est-à-dire comme le réel à être travaillé par le signifiant dans la production du sujet.

Ce second moment correspond à la formulation de sa théorie classique des psychoses, comme on l'observe exemplairement dans le *Séminaire, Livre III: Les psychoses* (1955-1956/1981), qui constitue ici le principal fondement pour l'interprétation du sens et des développements des concepts de psychose et de corps dans la psychanalyse de Lacan. Dans ce séminaire, l'approche des psychoses que Lacan propose participe de manière décisive au mouvement de révision de son appareil métapsychologique : le corps du sujet, qui apparaissait auparavant dans la théorie essentiellement à travers la médiation de l'image, commence à être pensé sous l'angle du symbolique et du signifiant et, à terme, est réduit à sa structure.

Le séminaire sur les psychoses

Lacan ouvre le séminaire en discutant la nosologie des psychoses, jusqu'alors divisées selon la dichotomie kraepelinienne entre paranoïas et paraphrénies, suivant l'école allemande de psychiatrie. Dès les débuts de sa formation en tant que psychiatre, Lacan s'est opposé aux conceptions du XIX^e siècle sur la paranoïa et la psychose en général, en proposant une série d'hypothèses alternatives qui l'ont progressivement éloigné de la psychiatrie traditionnelle.

Que recouvre le terme de psychose dans le domaine psychiatrique ? Psychose n'est pas démence. Les psychoses, c'est, si vous voulez – il n'y a pas de raison de se refuser le luxe d'employer ce mot – ce qui correspond à ce que l'on a toujours appelé, et qu'on continue d'appeler légitimement, les *folies*. C'est dans ce domaine que Freud fait deux parts. Il ne s'est pas beaucoup plus mêlé que cela de nosologie en matière de psychose, mais sur ce point, il est très net, et étant donné la qualité de son auteur, nous ne pouvons pas tenir cette distinction pour négligeable. (Lacan, 1955-56/1981, p. 12, [italique de l'auteur])

S'éloignant également de Freud, qui utilise la terminologie *dementia paranoides* de Kraepelin pour désigner le cas, Lacan reconnaît que Schreber est paranoïaque, même si une phase schizophrénique avec la présence de symptômes hypocondriaques est d'abord observée:

Le discours de Schreber a assurément une structure différente. Schreber note au début de l'un de ses chapitres, très humoristiquement – *On dit que je suis un paranoïaque*. En effet, on est encore, à l'époque, assez mal dégagé de la première classification kraepelinienne pour le qualifier de paranoïaque, alors que ses symptômes vont beaucoup plus loin. Mais quand Freud le dit paraphrène, il va plus loin encore, car la paraphrénie est le nom que Freud propose pour la démence précoce, la schizophrénie de Bleuler. (Lacan, 1955-56/1981, p. 153, [italique de l'auteur])

Grosso modo, Lacan (1955-56/1981) considère que la schizophrénie se rapprocherait davantage du corps morcelé et autoérotique qui constitue le moi avant le stade du miroir, tandis que la paranoïa serait plus proche de l'axe imaginaire marquant les premiers mouvements de la constitution du moi. Dans cette perspective, une catégorie de plus

grande organisation est également établie, tant en ce qui concerne le champ de la réalité que le statut du corps, puisque, dans le cas de la schizophrénie, le corps est dans une condition autoérotique, alors que, dans le cas de la paranoïa, il présente une plus grande unité corporelle. Lacan dira plus loin que :

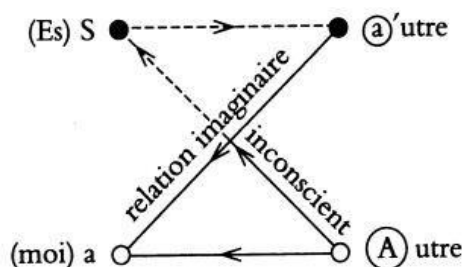
Tout un chacun sait, à condition qu'il soit psychiatre, que chez un paranoïaque bien constitué, il n'est pas question de mobiliser cet investissement, alors que chez les schizophrènes, *le désordre proprement psychotique va en principe beaucoup plus loin que chez le paranoïaque.* (Lacan, 1955-56/1981, p. 166, [italique ajouté])

On observe, dans cette distinction que Lacan établit entre la paranoïa et la schizophrénie, que la question du moi et de sa fonction imaginaire demeure un point central dans ses recherches, comme en témoignent les premier et deuxième séminaires. À ce stade de sa théorie, Lacan est déjà convaincu que le moi se constitue initialement dans le champ du petit autre, ce qui, dans le Schéma L, introduit l'année précédente, est représenté par l'axe imaginaire entre a et a' :

Entre S et A , la parole fondamentale que doit révéler l'analyse, nous avons la dérivation du circuit imaginaire, qui résiste à son passage. Les pôles imaginaires du sujet, a et a' , recouvrent la relation dite spéculaire, celle du stade du miroir. Le sujet, dans la corporéité et la multiplicité de son organisme, dans son morcellement naturel, qui est en a' , se réfère à cette unité imaginaire qui est le moi, a , où il se connaît et se méconnaît, et qui est ce dont il parle – il ne sait pas à qui, puisqu'il ne sait pas non plus qui parle en lui. (Lacan, 1955-56/1981, p. 181, [italique de l'auteur])

Le Schéma L est rappelé par Lacan (1955-56/1981) dès les premières pages du troisième séminaire, désormais consacré aux psychoses. En s'interrogeant sur la nature du phénomène hallucinatoire, il établit une distinction essentielle : « l'origine du refoulé névrotique ne se situe pas au même niveau d'histoire dans le symbolique que celle du refoulé dont il s'agit dans la psychose » (p. 22). C'est en tenant compte de cela que Lacan consacre le reste du séminaire à expliquer la question centrale de la psychose : la non-ordonnancement du réel par la structure symbolique et l'importance du recours à l'imaginaire pour suppléer à cette non-introduction du symbolique.

Figure 1. Le Schéma L



Source: Lacan (1955-1956/1981).

Lacan (1955-56/1981) avertit qu'« il est classique de dire que, dans la psychose, l'inconscient est en surface, est conscient » (p.20), mais cela ne lui semble pas avoir un grand effet lorsqu'il est simplement articulé. Il reformule cette idée en affirmant que le témoignage

de l'inconscient, dans la psychose, est plus direct et radical que lorsqu'il est comparé à la névrose. Lacan illustre cela à travers le Schéma L : la ligne reliant S-A n'est pas interrompue – entre le sujet et l'Autre (symbolique), il n'y a pas d'interdiction, le sujet n'est pas barré, et le discours inconscient est continu, révélé sans intervalle, sans suspension. Ainsi, le psychotique livre son témoignage de manière explicite, tandis que le témoin du névrosé se fait de manière voilée :

Il en va de même du schéma de l'année dernière, en ce qui concerne l'hallucination verbale. Notre schéma, je vous le rappelle, figure l'interruption de la parole pleine entre le sujet et l'Autre, et son détour – par les deux moi, *a* et *a'*, et leurs relations imaginaires. Une triplicité est ici indiquée chez le sujet, qui recouvre le fait que c'est le moi du sujet qui parle normalement à un autre, et du sujet, du sujet S, en troisième personne. Aristote faisait remarquer qu'il ne faut pas dire que l'homme pense, mais qu'il pense avec son âme. De même, je dis que le sujet se parle avec son moi. (Lacan, 1955-56/1981, pp. 22-23, [italique de l'auteur])

Chez le sujet névrosé, le fait de parler avec son moi n'est jamais totalement explicitable – sa relation au moi est avant tout ambiguë, toute assomption du moi est révocable. À l'inverse, chez le sujet psychotique, certains phénomènes élémentaires, en particulier l'hallucination qui en est la forme la plus caractéristique, montrent un sujet complètement identifié à son moi avec lequel il parle – ou un moi totalement assumé de manière instrumentale. Lacan illustre cette spécificité en précisant que:

C'est lui qui parle de lui, le sujet, le S, dans les deux sens équivoques du terme, l'initiale S et le Es allemand. C'est bien ce qui se présente dans le phénomène de l'hallucination verbale. Au moment où elle apparaît dans le réel, c'est-à-dire accompagnée de ce sentiment de réalité qui est la caractéristique fondamentale du *phénomène élémentaire*, le sujet parle littéralement avec son moi, et c'est comme si un tiers, sa doublure, parlait et commentait son activité. (Lacan, 1955-56/1981, p. 23, [italique de l'auteur])

Les phénomènes élémentaires, souvent décrits comme des automatismes mentaux et corporels – dans lesquels l'individu a le sentiment que ses pensées, ses actions ou ses perceptions sont contrôlées ou influencées par des forces extérieures –, bien qu'issus d'une tradition clinique dont Lacan combattait frontalement les postulats épistémologiques, participent de sa tentative de situer les psychoses par rapport aux trois registres du Symbolique, de l'Imaginaire et du Réel. Ces phénomènes étaient considérés comme des éléments en ce qu'ils constituaient les unités les plus simples du processus psychopathologique, une idée provenant d'une sémiologie atomistique, étroitement liée à une certaine conception de l'organicisme – le mécanisme. Ce dernier chercherait le fondement de la maladie dans l'hypothèse de l'existence d'une lésion ponctuelle (Simanke, 2002).

Expliqués uniquement par un processus organique initial et compris par Clérambault – que Lacan appelle son maître – comme les premiers signes de la psychose, les symptômes de l'Automatisme Mental se caractérisent par leur aspect mécanique, athématique et anidéique. La formulation de Clérambault a marqué la pensée de Lacan et lui a permis de construire une doctrine sur le phénomène élémentaire, dont la conception est devenue l'un des fondements de la théorie lacanienne de la psychose. Convaincu de ses orientations structuralistes et

Ferreira, D. F. dos S.; Simanke, R. T.

influencé par les idées de Clérambault, Lacan soutient que la notion d'élément n'est pas distincte de celle de structure, irréductible à autre chose qu'elle-même :

L'important du phénomène élémentaire n'est donc pas d'être un noyau initial, un point parasite, comme s'exprimait Clérambault, à l'intérieur de la personnalité, autour duquel le sujet ferait une construction, une réaction fibreuse destinée à l'enkyster en l'enveloppant, et en même temps à l'intégrer, c'est-à-dire à l'expliquer, comme on dit souvent. Le délire n'est pas déduit, il en reproduit la même force constituante, il est, lui aussi, un phénomène élémentaire. C'est dire que *la notion d'élément n'est pas là à prendre autrement que pour celle de structure, structure différenciée, irréductible à autre chose qu'à elle même [...]*. (Lacan, 1955-56/1981, p. 28, [italique ajouté])

Dès lors, les phénomènes élémentaires, dont la définition et l'usage n'ont jamais fait consensus dans la psychiatrie du XIX^e siècle, reçoivent de la part de Lacan une nouvelle interprétation, étant élevés au statut de pièce maîtresse dans la désignation de la psychose. Lacan (1955-56/1981) considère que la présence d'altérations relevant de l'ordre du langage est indispensable pour établir un diagnostic de psychose. Il ne pourrait en être autrement : si le concept lacanien d'inconscient est « structuré, tramé, chaîné, tissé de langage » (Lacan, 1955-56/1981, p. 135), la psychose dépendra, avant tout, d'un phénomène de langage. Ainsi :

C'est le registre de la parole qui crée toute la richesse de la phénoménologie de la psychose, c'est là que nous en voyons tous les aspects, les décompositions, les réfractations. L'hallucination verbale, qui y est fondamentale, est justement un des phénomènes les plus problématiques de la parole. (Lacan, 1955-56/1981, p. 46)

De cette manière, les phénomènes élémentaires attestent – par une voie entièrement nouvelle – l'hypothèse lacanienne selon laquelle la psychose ne serait pas une maladie mentale d'origine organique, mais une modalité très particulière de relation du sujet avec le langage. Si tel est le cas, le registre le plus approprié pour traiter la question de la psychose est celui de la parole et du langage, ce que Lacan (1955-56/1981) souligne en affirmant : « la promotion, la mise en valeur dans la psychose des phénomènes de langage est pour nous le plus fécond des enseignements. » (p. 164)

Bejahung et Verwerfung : fondements de la structure psychotique

Ce que l'on observe ensuite, c'est que le structuralisme et la théorie linguistique offrent à Lacan une base conceptuelle pour revisiter certains postulats freudiens – naturellement, d'une perspective loin d'être orthodoxe. À ce moment-là, Lacan est en train de promouvoir son projet de retour à l'œuvre de Freud, qu'il avait annoncé seulement quelques années avant le séminaire sur les psychoses, dans le discours de Rome, *La fonction et le champ de la parole et du langage en psychanalyse*. Dans cette conférence capitale, comme le titre l'indique, Lacan (1953/1966, p. 264, [italique ajouté]) traite précisément de l'entrée du sujet dans le champ de la parole et du langage. Il souligne :

Par le mot qui est déjà une présence faite d'absence, *l'absence même vient à se nommer* en un moment original dont le génie de Freud a saisi dans le jeu de l'enfant la récréation perpétuelle. Et de ce couple modulé de la présence et de l'absence, qu'aussi bien

suffit à constituer la trace sur le sable du trait simple et du trait rompu des koua man-tiques de la Chine, naît l'univers de sens d'une langue où l'univers des choses viendra à se ranger.

Quelques éléments intéressants peuvent être extraits du passage ci-dessus. Lacan fait référence au jeu du *fort-da*, une expression introduite dans *Au-delà du principe de plaisir*, une publication d'une grande notoriété, car elle constitue le premier travail où Freud (1920/2013) expose la problématique de la pulsion de mort. À partir de la conception freudienne, l'organisme tend à régresser vers un état inorganique, se manifestant à travers la répétition de comportements qui expriment la recherche de la mort de manière propre et singulière. Le célèbre jeu du *fort-da* a été décrit par Freud comme un jeu consistant en la disparition et l'apparition d'un certain objet – en l'occurrence, une bobine qui est lancée puis récupérée. Freud interprète le *fort-da* comme une mise en scène des départs et retours de la figure maternelle, ce qui permet au bébé de « laisser partir la mère », puisqu'il est désormais capable, par lui-même, de rejouer la disparition et le retour des objets qui l'entourent.

L'enfant revivrait l'absence et la présence maternelles à travers cet objet. Selon Lacan, cela lui permettrait de représenter symboliquement les disparitions et réapparitions de la mère. Dans une lecture lacanienne, en agissant ainsi, l'enfant inverse l'abandon subi de la part de la mère, dans une sorte de maîtrise symbolique de l'objet perdu. Le jeu du *fort-da* permet à l'*infans* (du latin *in-fans*, « celui qui ne parle pas ») de sortir de la position passive – caractéristique de l'aliénation – et conduit à la constatation de l'absence et à l'élaboration du manque. Si l'enfant dispose d'un objet représenté par le langage, il peut alors le substituer, ce qui constitue la désignation symbolique du renoncement à cet objet perdu. C'est dans cette perspective que Freud, en une intuition géniale, a mis en lumière les jeux d'occultation, permettant ainsi de reconnaître que « le moment où le désir s'humanise est aussi celui où l'enfant naît au langage » (Lacan, 1953/1966, p. 319, [italique ajouté]).

Mais, pour que quelque chose puisse être symbolisé, il doit d'abord être affirmé. Dans le séminaire sur les psychoses, Lacan indique qu'en amont du processus de verbalisation, il y a une *Bejahung* inaugurale, une affirmation primordiale, décisive dans la constitution du sujet et sa détermination par le langage. Il s'agirait d'une admission au sens du symbolique – l'inscription d'un trait en tant que *Bejahung*. Lacan souligne que si Freud insiste tant sur le complexe d'Œdipe, c'est parce que la Loi, en tant que principe de symbolisation, est présente dès le commencement. La Loi ne concerne pas seulement la question des origines, mais la Loi fondamentale de la symbolisation. Le complexe d'Œdipe en est un exemple. Comme l'explique Lacan :

La symbolisation, autrement dit la Loi, y joue un rôle primordial. Si Freud a tellement insisté sur le complexe d'Œdipe, qu'il a été jusqu'à construire une sociologie de totems et de tabous, c'est manifestement que pour lui la Loi est là *ab origine*. Il n'est pas question par conséquent de se poser la question des origines – la Loi est là justement depuis le début, depuis toujours, et la sexualité humaine doit se réaliser par et à travers elle. Cette Loi fondamentale est simplement une loi de symbolisation. C'est ce que l'Œdipe veut dire. (Lacan, 1955-56/1981, p. 96)

D'ailleurs, le complexe d'Œdipe intervient ici comme le socle sur lequel se déroule l'opération métaphorique situant le père comme représentant de la Loi qui ordonne symboliquement la castration. La fonction du père, dans la théorie lacanienne, n'est pas seulement biologique, mais aussi symbolique. Le père intervient à plusieurs niveaux – avant tout, il interdit la mère. Il s'agit ici du fondement du complexe d'Œdipe, dans lequel le père est lié à la Loi primordiale de l'interdiction de l'inceste. Toute la viabilité de l'Œdipe repose sur le refoulement originaire du signifiant du désir de la mère. Le résultat en est sa substitution par le signifiant paternel, que Lacan articule à la traversée œdipienne à travers ce qu'il a nommé le Nom-du-Père. Lacan joue sur l'homophonie entre *nom* et *non* ainsi que le double sens des expressions *le nom du père* et *le non du père* afin d'illustrer la relation entre le signifiant de la fonction paternelle (le Nom-du-Père), qui est refoulé dans la sortie œdipienne névrotique, et le rôle du père comme agent de la Loi et de l'interdiction (celui qui dit « non »).

En d'autres termes, le signifiant limitatif du père a pour fonction de remplacer et de restreindre le premier signifiant introduit dans la symbolisation, le signifiant maternel. Ainsi, le signifiant du désir de la mère (S1) devient inconscient, car il a fait l'objet du refoulement originaire, c'est-à-dire qu'il n'a été refoulé qu'en raison de sa substitution par le signifiant paternel (S2) – une substitution qui relève de l'ordre de la métaphore. Telle est la structure de la névrose selon Lacan :

Qu'est-ce que le refoulement pour le névrosé? C'est une langue, une autre langue qu'il fabrique avec ses symptômes, c'est-à-dire, si c'est un hystérique ou un obsessionnel, avec la dialectique imaginaire de lui et de l'autre. Le symptôme névrotique joue le rôle de la langue qui permet d'exprimer le refoulement. C'est bien ce qui nous fait toucher du doigt que le refoulement et le retour du refoulé sont une seule et même chose, l'endroit et l'envers d'un seul et même processus. (Lacan, 1955-56/1981, p. 72)

En revanche, la structure psychotique résulterait d'un manque de la fonction paternelle dans le complexe d'Œdipe, et Lacan pense le désordre de ce processus à partir de l'usage conceptuel supposé que Freud fait du terme *Verwerfung* – qu'il traduit d'abord par « refus » ou « rejet », puis, s'inspirant du vocabulaire juridique français, qu'il élabore sous le terme de « forclusion ». Lacan (1955-56/1981) lui-même reconnaît que Freud n'emploie pas fréquemment ce mot et qu'il a dû aller le chercher « dans les deux ou trois coins où elle montre le bout de l'oreille, et même quelquefois là où elle ne le montre pas, mais où la compréhension du texte exige qu'on la suppose » (p. 170).

Au niveau de cette *Bejahung* pure, primitive, qui peut avoir lieu ou non, une première dichotomie s'établit – ce qui aura été soumis à la *Bejahung*, à la symbolisation primitive, aura divers destins, ce qui est tombé sous le coup de la *Verwerfang* primitive en aura un autre. (Lacan, 1955-56/1981, p. 95)

La *Verwerfung* forme un couple dichotomique avec la *Bejahung*. Dans la psychose, la *Bejahung*, c'est-à-dire l'accès au symbolique, ne se produit pas : le sujet ne subit pas une première représentation, puisque le signifiant a été forclos. L'Œdipe, en tant que Loi de la symbolisation, échoue, et le signifiant du Nom-du-Père ne s'inscrit pas comme manque symbolique dans l'Autre, n'intervenant donc pas comme coupure – il n'y a pas d'interruption dans la ligne S–A du Schéma L. En outre, le Nom-du-Père, en tant que signifiant maître, est

aussi ce qui délimite l'acquisition d'un statut de corps. Dans l'hypothèse lacanienne, c'est au Nom-du-Père, en tant que signifiant primordial, qu'il revient de soutenir l'image du corps et d'organiser ce que le sujet reconnaît comme son propre corps. Cela renvoie ainsi à l'idée d'un corps inscrit par le symbolique. Autrement dit, pour qu'il y ait un corps, il doit passer par une opération symbolique de coupure – effectuée par le signifiant sur la chair.

Ainsi, le Nom-du-Père est l'élément qui permet la construction d'un ordre symbolique cohérent, fondamental pour l'insertion de l'individu dans le langage et la culture. Cela ne se produit pas dans la *Verwerfung*, où le Nom-du-Père est refusé ou exclu du champ symbolique du sujet, n'étant pas intégré à la structure psychique. En approfondissant cette idée, Lacan définit le terme *Verwerfung* de la manière suivante :

De quoi s'agit-il quand je parle de *Verwerfung* ? Il s'agit du rejet d'un signifiant primordial dans des ténèbres extérieures, signifiant qui manquera dès lors à ce niveau. Voilà le mécanisme fondamental que je suppose à la base de la paranoïa. Il s'agit d'un processus primordial d'exclusion d'un dedans primitif, qui n'est pas le dedans du corps, mais celui d'un premier corps de signifiant. (Lacan, 1955-56/1981, p. 171)

La lecture de cet extrait permet d'affirmer que Lacan adopte une réduction explicite de la corporéité au langage et au signifiant. À cette époque, telle que cette question se posait pour Lacan, le corps devait être compris comme une surface, marqué par le trait et habitée par les signifiants. Le psychotique serait habité, possédé par le langage – à la différence du névrosé, qui habite le langage en raison du refoulement, un mécanisme permettant de réintégrer les signifiants dans l'inconscient par le biais du symbolique. Comme l'exprime Lacan :

Comment ne pas voir dans la phénoménologie de la psychose que *tout, du début jusqu'à la fin, tient à un certain rapport du sujet à ce langage tout d'un coup promu au premier plan de la scène, qui parle tout seul, à voix haute, dans son bruit et sa fureur comme aussi dans sa neutralité ? Si le névrosé habite le langage, le psychotique est habité, possédé, par le langage.* (Lacan, 1955-56/1981, p. 284, [italique ajouté])

On observe, par exemple, que la conviction (rien d'inhabituel) selon laquelle les organes du corps se transforment, changent de forme ou de fonction constitue un phénomène élémentaire important dans la psychose. Le parole comporte fréquemment des références aux parties internes du corps, notamment sous un angle hypocondriaque, ce que Freud avait désigné comme le « langage d'organe » (Caropreso & Simanke, 2006). C'est ce que l'on observe dans le cas Schreber, décrit par Lacan (1955-56/1981, pp. 352-353, [italique ajouté]):

Ce que nous voyons dès le début, ce sont des symptômes, d'abord hypocondriaques, qui sont des symptômes psychotiques. On y trouve d'emblée ce quelque chose de particulier qui est au fond de la relation psychotique comme des phénomènes psychosomatiques dont cette clinicienne s'est tout spécialement occupée, et qui sont certainement pour elle la voie d'introduction à la phénoménologie de ce cas. C'est là qu'elle a pu avoir l'appréhension directe de phénomènes structurés tout différemment de ce qui se passe dans les névroses, à savoir où il y a je ne sais quelle empreinte ou inscription directe d'une caractéristique, et même, dans certains cas, d'un conflit, *sur ce que l'on peut appeler le tableau matériel que présente le sujet en tant qu'être corporel.*

Le témoignage de Schreber révèle comment le corps et le langage s’entrelacent dans la psychose, le sujet étant incapable d’organiser sa corporéité en raison d’une défaillance du symbolique. Lacan trouvera dans les *Mémoires...* une occasion de légitimer sa théorie des signifiants – et il ne manque pas de souligner que l’analyse du cas repose précisément sur un texte écrit. Il affirme à ce propos :

Nous avons la chance d’avoir là un homme qui nous communique tout son système délirant, et à un moment où celui-ci est arrivé à son plein épanouissement. [...] Vous saisirez comment se modifient les différents éléments d’un système construit en fonction des coordonnées du langage. Cet abord est certes légitime, s’agissant d’un cas qui ne nous est donné que par un livre, et c’est ce qui nous permettra d’en reconstituer efficacement la dynamique. (Lacan, 1955-56/1981, p. 68, [italique ajouté])

Dans ses *Mémoires...*, Schreber évoque des expériences qui témoignent d’une relation profondément conflictuelle avec son corps, marquée par la fragmentation et la sensation d’une transformation incessante. Ces vécus, selon l’interprétation lacanienne, illustrent la défaillance de la fonction du Nom-du-Père, empêchant l’établissement complet de l’organisation symbolique du corps et aboutissant à des phénomènes psychotiques. Ceux-ci seront analysés ci-après, conformément au programme, à partir du cas Schreber.

Le témoignage (psychotique) d’un juriste allemand – le cas Schreber

Pour mieux comprendre l’histoire clinique de Schreber, il est nécessaire de présenter un résumé chronologique de sa vie :

Tableau 1. La biographie de Schreber (1842–1891)

Année	Événement
1842	Naissance de Daniel Paul Schreber à Leipzig, le 25 juillet.
1858	Son père subit un accident entraînant des lésions cérébrales irréversibles.
1861	Décès de son père des suites d’une obstruction intestinale, après avoir présenté un tableau clinique de névrose obsessionnelle sévère avec impulsions homicidaires.
1877	Son frère, Daniel Gustav, se suicide à l’âge de 38 ans.
1878	Schreber épouse Ottilie Sabine Behr, atteinte de diabète et ayant subi six fausses couches.
1884	Nommé vice-président du Tribunal régional de Chemnitz. En octobre, il subit une défaite aux élections parlementaires et, en décembre, il est interné à la clinique de l’Université de Leipzig pour hypocondrie.
1885	Il obtient son congé hospitalier en juin et part en convalescence jusqu’à la fin de l’année.
1886	Il reprend ses activités professionnelles en tant que Président du Tribunal régional de Leipzig.
1888	Il reçoit la Croix de Chevalier de première classe.
1889	Il est nommé président du Tribunal de Freiberg et s’installe dans cette ville.

Année	Événement
1891	Il est élu membre du Collège de district de Freiberg.
1892	Il est élu membre du Collège de district de Freiberg pour un second mandat.
1893	Il est nommé Président de la Cour d'appel de Dresde. En novembre, il consulte le professeur Flechsig en raison d'une angoisse et d'une insomnie persistantes. En l'absence d'amélioration, il est de nouveau interné à la clinique de l'Université de Leipzig.
1894	Il est placé sous curatelle provisoire en raison d'une maladie mentale. Il est interné à l'Hôpital de Lindenhof, puis au sanatorium de Sonnenstein, où il restera jusqu'en 1902 avec un diagnostic de <i>dementia paranoides</i> .
1899	Il engage une procédure pour recouvrer sa capacité civile.
1900	Il rédige les 23 chapitres des <i>Mémoires</i> . En mars, sa demande de levée de curatelle est rejetée, et il fait appel de cette décision. Entre juin 1900 et octobre 1901, il écrit la première série de suppléments aux <i>Mémoires</i> .
1902	En juillet, la Cour d'appel révoque l'interdiction, et Schreber recouvre sa capacité civile. Il obtient son congé hospitalier en décembre.
1903	Il adresse une lettre ouverte au professeur Flechsig. Il adopte une fille de 13 ans. Publication des <i>Mémoires d'un névropathe</i> , avec des coupes et la suppression d'un chapitre.
1907	Décès de sa mère à l'âge de 92 ans. En novembre, son épouse est victime d'un accident vasculaire cérébral, et Schreber, en crise, est interné au sanatorium de Dösen.
1914	Schreber décède le 14 avril, à l'âge de 69 ans, au sanatorium de Dösen.

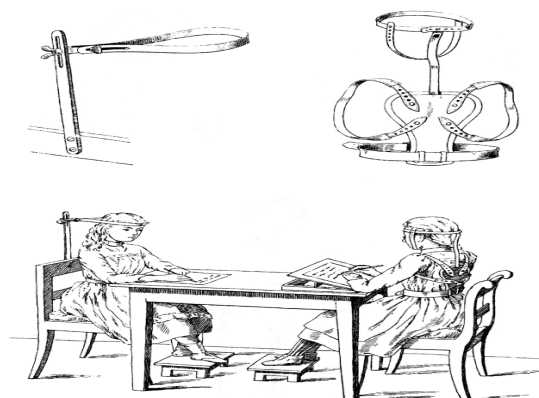
Source: Carone (1984).

Dans la biographie de Schreber, trois événements méritent une attention particulière. Premièrement, sa défaite aux élections du *Reichstag* (assemblée régionale) en 1884, qui a déclenché son premier effondrement nerveux et conduit à un séjour de six mois à l'hôpital psychiatrique de l'Université de Leipzig, où il a été suivi par le Dr Flechsig. Deuxièmement, la succession de fausses couches subies par son épouse, Ottilie Sabine, et la frustration de Schreber face à ses attentes déçues de paternité. Et troisièmement, sa nomination, en juin 1893, au poste de *Senatspräsident*, Président de chambre à la Cour suprême d'appel. À propos de ce dernier événement, Schreber rapporte que peu après sa nomination, alors qu'il était déjà en cours de détérioration psychotique, il a eu une pensée alors qu'il était à demi-endormi – l'idée que, tout de même ce doit être une chose singulièrement belle que d'être une femme en train de subir l'accouplement » (Schreber, 1903/1975, p. 44) – une réflexion qui, selon lui, en rétrospective, aurait marqué le début du délire de féminisation et de la confusion identitaire qui allaient suivre.

Concernant le noyau familial de Schreber, de nombreux débats portent sur la carrière médicale controversée de son père – l'orthopédiste Dr Daniel Gottlieb Moritz Schreber – et l'éducation rigoureuse à laquelle il l'a soumis, dont les pratiques pédagogiques et les dispositifs orthopédiques auraient supposément contribué à une prédisposition psychotique chez son fils. Le fait que son frère aîné, Gustav, se soit suicidé par balle en 1877, à l'âge de 38 ans, ne plaide pas en sa faveur.

Ferreira, D. F. dos S.; Simanke, R. T.

Figure 2. *Geradehalter* (en cours d'utilisation)



Source: Lacan Circle of Melbourne (2013).

Le Dr Schreber a été l'idéalisateur de la *Gymnastique Médicale* – une sorte de manuel destiné aux parents et aux pédagogues, proposant des recommandations orthopédiques et hygiéniques pour l'éducation du corps. Aujourd'hui encore, le nom de famille Schreber est principalement connu en Allemagne grâce aux petits potagers urbains – les *Schrebergärten* – qui parsèment les périphéries des villes allemandes et qui ont été nommées en hommage à Moritz Schreber. Ses écrits sur la santé publique ainsi que sur les bienfaits de l'air pur et de l'exercice physique ont inspiré la création de ces jardins à la fin du XIX^e siècle.

Cependant, les actions du Dr Moritz Schreber allaient bien au-delà du simple encouragement à la pratique du jardinage. En réalité, le système éducatif qu'il proposait se résumait à exercer une pression et une coercition maximales dès les premières années de vie de l'enfant. La promotion de la santé physique et mentale devait être atteinte en soumettant l'enfant à un programme rigoureux d'entraînement physique intensif et d'exercices musculaires systématiques, combinés à des mesures de restriction émotionnelle. Quant à la mère de Schreber, bien qu'elle ait vécu jusqu'à 92 ans et, par conséquent, assisté à toute l'évolution de la maladie de son fils, elle est restée affectivement distante – une conclusion que les principaux biographes déduisent de l'absence de correspondance entre elle et son fils.

Devenu adulte et en pleine crise, Schreber (1903/1975) croyait être victime d'un complot dont le principal instigateur était, dans un premier temps, son psychiatre, le Dr Flechsig – qui l'avait pris en charge depuis 1884, lorsqu'il a traversé ce qu'il appelait sa « première maladie » – puis, ultérieurement, Dieu. L'objectif de ce complot aurait été, dans un premier temps, de le transformer en femme, puis de commettre ce qu'il appelait un « assassinat d'âme ». Son récit est marqué par la répétition de l'expression « Ordre du Monde », qui, dans la persécution sexuelle qu'il décrit, se trouve contrarié. Par ailleurs, Schreber entendait des voix ou des « oiseaux miraculeux », qui lui parlaient en continu dans la « langue fondamentale », un allemand archaïque et euphémistique.

Peu à peu, le délire persécutoire à dimension sexuelle commence à intégrer d'autres éléments et à se complexifier, prenant une nouvelle forme et donnant lieu à un second moment, caractérisé par un délire persécutoire sexuel articulé à des pensées religieuses et mégalomaniaques. Schreber croyait être le seul capable de sauver l'humanité et, pour cela,

il devait se transformer en femme afin d'être divinement fécondé et engendrer une nouvelle race de schrébériens, destinée à purifier le monde.

En réalité, Schreber construit tout un vaste système cosmo-théologique, conférant une dimension métaphysique à son délire et façonnant un monde où les âmes sont constituées de « nerfs », tout comme Dieu lui-même, dont les nerfs sont appelés « rayons ». Dans cette logique, Dieu ne ménage aucun effort pour accomplir l'assassinat de l'âme de Schreber, perpétrant toutes sortes d'atrocités sur son corps, altérant radicalement ses viscères, le violant continuellement et le manipulant à travers ses entrailles.

On constate que les délires de Schreber servent systématiquement de preuve à la thèse lacanienne de la subordination du corps au langage, selon laquelle, comme exposé précédemment dans cet article, c'est uniquement par l'intermédiaire de ce dernier que la corporéité peut intervenir dans la constitution du sujet et dans ses processus. Lacan y trouve un terrain particulièrement propice, en observant que, dès le début des altérations vécues par Schreber, une perturbation significative de son expérience corporelle se manifeste – et que son vocabulaire en témoigne largement :

Schreber lui-même souligne à tout instant l'originalité de certains termes de son discours. Quand il nous parle par exemple de *Nervenanhang*, d'adjonction de nerfs, il précise bien que ce mot lui a été dit par les âmes examinées ou les rayons divins. Ce sont des mots clés, et il note lui-même qu'il n'en aurait jamais trouvé la formule, des mots originaux, des mots pleins, bien différents des mots qu'il emploie pour communiquer son expérience. Lui-même ne s'y trompe pas, il y a là des plans différents. (Lacan, 1955-56/1981, p. 43)

Lacan comprend qu'au niveau du signifiant, dans son caractère matériel, le délire se distingue précisément par cette forme particulière de dissonance avec le langage commun qu'est le néologisme. Il s'agit d'un phénomène de langage typique de la psychose, distinct de ce que l'on appelle, dans la névrose, le mot d'esprit, l'acte manqué, le symptôme névrotique et le rêve – des manifestations associées à l'inconscient névrotique. Lacan l'illustre en s'appuyant sur le texte de Schreber :

Cela se voit dans le texte de Schreber comme en présence d'un malade. La signification de ces mots qui vous arrêtent a pour propriété de renvoyer essentiellement à la signification, comme telle. C'est une signification qui ne renvoie foncièrement à rien qu'elle-même, qui reste irréductible. Le malade souligne lui-même que le mot fait poids en lui-même. Avant d'être réductible à une autre signification, il signifie en lui-même quelque chose d'ineffable, c'est une signification qui renvoie avant tout à la signification en tant que telle. (Lacan, 1955-56/1981, p. 43)

Si, dans la névrose, le secret est toujours maintenu par le refoulement, l'énigme de la psychose se révèle à travers le néologisme. En effet, « nous trouvons aussi dans le texte même du délire une vérité qui n'est pas là cachée comme c'est le cas dans les névroses, mais bel et bien explicitée, et presque théorisée » (Lacan, 1955-56/1981, p. 37). Pour Lacan, il existe deux types de phénomènes à travers lesquels se projette le néologisme : l'intuition et la formule.

L'intuition délirante caractérise le premier moment où le signifiant s'impose à l'expérience de manière inédite, ce qui revêt pour le sujet un caractère submergeant, inondant.

La parole, dans sa pleine expression, « lui révèle une perspective nouvelle dont il souligne le cachet original, la saveur particulière» (Lacan, 1955-56/1981, p. 43). Il s'agit d'une certitude subjective et immédiate que le sujet psychotique éprouve à propos de quelque chose, sans aucune base logique ou empirique pour la soutenir. C'est une perception instinctive et erronée, vécue comme une « révélation », dans laquelle le sujet a le sentiment de posséder une connaissance profonde et absolue, mais sans la médiation symbolique qui ancrerait cette perception à la réalité objective. Elle se caractérise par l'absence de raisonnement logique et par l'impossibilité de remettre en question ou d'intégrer cette certitude dans l'univers symbolique partagé, ce qui conduit le sujet à éprouver la sensation d'une vérité unique et personnelle, mais totalement déconnectée du monde extérieur.

Il existe également une seconde forme de manifestation du néologisme, qui réside dans son caractère répétitif, lorsque la signification ne renvoie plus à rien, prenant alors la forme d'une sorte de « formule du vide » – que Lacan a désignée sous le nom de ritournelle. Le concept de ritournelle trouve ses racines dans l'œuvre de Gilles Deleuze et Félix Guattari, mais Lacan se l'approprie pour décrire une répétition ou un retour d'un élément, d'une image ou d'un son, qui devient un point de fixation pour le sujet psychotique. Il fonctionne alors comme une forme d'« ancrage », permettant d'organiser et de stabiliser son monde interne, à l'image de Schreber « lorsqu'il parle de la langue fondamentale à laquelle il a été introduit par son expérience. Là, le mot – avec sa pleine emphase, comme on dit *le mot de l'énigme* – est l'âme de la situation. » (Lacan, 1955-56/1981, p. 43, [italique de l'auteur]).

Lacan prend comme exemple la langue fondamentale de Schreber – ce mélange d'allemand archaïque et euphémistique qu'il utilise pour communiquer avec Dieu et qui lui a été transmis à travers les rayons divins :

Les rayons purs parlent, ils sont essentiellement parlants, il y a une équivalence entre rayons, rayons parlants, nerfs de Dieu, plus toutes les formes particulières qu'ils peuvent prendre, jusques et y compris leurs formes diversement miraculées, dont les ciseaux. Cela correspond à une période où domine ce que Schreber appelle la *Grundsprache*, sorte de très savoureux haut-allemand qui a tendance à s'exprimer par euphémismes et par antiphrases – une punition s'appelle par exemple une récompense, et en effet la punition est à sa façon une récompense [...]. (Lacan, 1955-56/1981, pp. 123-124)

Le passage ci-dessus met en évidence l'un des aspects les plus marquants du délire de Schreber, à savoir sa relation avec Dieu – un point qui constitue un terrain d'affinité relative entre les lectures de Freud et de Lacan sur ce cas. Au cours de son troisième séminaire, Lacan s'appuie sur l'analyse freudienne du cas Schreber et l'utilise en partie pour construire sa propre théorie des psychoses. En résumé, Freud (1911/1954) suppose avoir identifié le mécanisme à l'origine de la paranoïa de Schreber : il s'agirait d'une défense érigée contre l'émergence d'une libido homosexuelle extrêmement difficile à intégrer. Ce conflit se serait ensuite transformé en un délire religieux et mégalomane, orienté vers une jouissance narcissique, offrant ainsi une issue satisfaisante aux forces du moi. Dans cette perspective, l'acceptation de la féminité refoulée devient envisageable lorsqu'elle est déplacée dans un contexte divin, où la soumission au désir de Dieu est perçue comme une partie intégrante de

l'ordre cosmique. Ainsi, l'idée d'émasculacion cesse d'être vécue comme une disgrâce et se trouve revalorisée dans le cadre d'un grand dessein universel, où la récréation d'une humanité déchue acquiert un sens. De cette manière, la mégalomanie émerge comme une forme de compensation, tandis que la fantaisie du désir féminin se manifeste, permettant au moi de trouver une solution acceptable au conflit psychique.

Toutefois, Freud parvient à une autre constatation essentielle qui, au-delà d'éclairer le cas de Schreber, enrichit l'étude des psychoses en indiquant que, plus encore que des pulsions homosexuelles à l'origine de la maladie, il existe un conflit lié au complexe paternel. Selon lui, l'affrontement que Schreber a vécu avec son médecin Flechsig, qui s'est étendu jusqu'à devenir un combat contre Dieu, peut être compris comme l'expression d'un conflit infantile avec la figure paternelle. Bien que les détails précis de cette relation restent inconnus, Freud (1911/1954) suggère que ce sont précisément ces particularités qui ont influencé la construction du délire du patient.

Autrement dit, dans le délire de Schreber, la figure de Dieu, avec laquelle le patient est en conflit, est interprétée par Freud (1911/1954) comme une représentation du père du complexe d'Œdipe, dans sa fonction de garant de la Loi, d'interdiction de l'inceste et, surtout, comme porte-parole de la menace de castration. Ainsi, au-delà de l'hypothèse selon laquelle le cœur de la souffrance de Schreber résulterait d'une défense contre son homosexualité latente, Freud (1911/1954) ajoute que : « La menace la plus redoutée du père, la castration, a effectivement fourni la matière à la fantaisie-désir de transformation en femme, d'abord combattue, puis acceptée » (p. 304). Freud en conclut que le passage de l'homme à la femme constitue pour Schreber la seule issue face à la crainte de la castration paternelle.

Parmi les hypothèses avancées par Freud (1911/1954) en *Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïa*, celle-ci représente l'interprétation ayant apporté la plus grande contribution à Lacan – à savoir, l'analyse du délire de Schreber à travers le prisme du complexe paternel. À propos de la lecture freudienne, Lacan affirme que :

Quelles que puissent être certaines des faiblesses de l'argumentation freudienne à propos de la psychose, il est indéniable que la fonction du père est si exaltée chez Schreber qu'il ne faut rien de moins que Dieu le père, et chez un sujet pour qui jusque-là cela n'avait aucun sens, pour que le délire arrive à son point d'achèvement, d'équilibre. La prévalence, dans toute l'évolution de la psychose de Schreber, des personnages paternels qui se substituent les uns aux autres, et vont toujours s'agrandissant et s'enveloppant les uns les autres, jusqu'à s'identifier au Père divin lui-même, à la divinité marquée de l'accent proprement paternel, est indéniable, inébranlable. Et destiné à nous faire reposer le problème – comment se fait-il que quelque chose qui donne autant raison à Freud ne soit abordé par lui que sous certains modes qui laissent à désirer ? (Lacan, 1955-56/1981, p. 354)

Freud et Lacan s'accordent sur l'existence d'une association cruciale entre la figure du père et celle de Dieu – une question d'une grande importance pour la compréhension de l'ensemble du système délirant décrit par Schreber. Dans la lecture lacanienne, ce qui est en jeu dans la phénoménologie de la psychose, c'est la rencontre de Schreber avec le signifiant paternel et une impossibilité structurelle d'aborder ce signifiant. Lacan compare la période

pré-psychotique de Schreber à un tabouret à trois pieds⁷. N'ayant pas achevé le complexe d'Œdipe, le sujet se maintient en équilibre sur ces trois pieds du tabouret, par un mécanisme de compensation visant à pallier ce qui, dans l'Œdipe, a été absent :

Tous les tabourets n'ont pas quatre pieds. Il y en a qui se tiennent debout avec trois. [...] Il se peut qu'au départ il n'y ait pas assez de pieds au tabouret, mais qu'il tienne tout de même jusqu'à certain moment, quand le sujet, à un certain carrefour de son histoire biographique, est confronté avec ce défaut qui existe depuis toujours. Pour le désigner, nous nous sommes contentés jusqu'à présent du terme de *Verwerfung*. (Lacan, 1955-56/1981, pp. 228-229)

Ce serait grâce aux béquilles imaginaires – que Lacan comprend comme des ressources imaginaires servant de soutien compensatoire dans la psychose – que Schreber, sur son tabouret à trois pieds, a pu traverser les premières décennies de sa vie, marquées par de nombreuses réussites intellectuelles et professionnelles. Les béquilles imaginaires représentent des tentatives de compensation psychique mises en place par le sujet psychotique pour pallier l'absence d'une médiation symbolique stable. Dans le cas de Schreber, cette compensation se manifeste de manière distordue dans sa relation avec son corps, dans ses délires, ainsi que dans ses interactions avec Dieu et le monde.

Cependant, Lacan (1955-56/1981) s'interroge : « Qu'est-ce qui rend soudainement insuffisantes les béquilles imaginaires qui permettraient au sujet de compenser l'absence du signifiant ? » (p. 231). Qu'est-ce qui aurait déclenché la psychose du Président Schreber ? Lacan (1955-56/1981) explique que cela surviendrait dans la mesure où un certain appel, auquel le sujet ne peut répondre, se produit. Cet appel engendre « un foisonnement imaginaire de modes d'être qui sont autant de relations au petit autre, foisonnement que supporte un certain mode du langage et de la parole » (Lacan, 1955-56/1981, p. 289). Cette rencontre avec le signifiant marquerait ainsi l'entrée dans la psychose.

Voyez à quel moment de sa vie la psychose du président Schreber se déclare. À plus d'une reprise, il a été en situation d'attendre de devenir père. Le voilà tout d'un coup investi d'une fonction considérable socialement, et qui a beaucoup de valeur pour lui – il devient président à la Cour d'appel. Je dirai que dans la structure administrative dont il s'agit, il s'agit de quelque chose qui ressemble au Conseil d'État. Le voilà introduit au sommet de la hiérarchie législative, parmi des hommes qui font des lois et qui ont tous vingt ans de plus que lui – perturbation de l'ordre des générations. À la suite de quoi ? D'un appel exprès des ministres. Cette promotion de son existence nominale sollicite de lui une intégration rénovante. Il s'agit en fin de compte de savoir si le sujet deviendra, ou non, père. C'est la question du père, qui centre toute la recherche de Freud, toutes les perspectives qu'il a introduites dans l'expérience subjective. (Lacan, 1955-56/1981, p. 360)

7 Bien que, à l'époque, Lacan ait recours à des notions déficitaires pour parler de la psychose, s'appuyant toujours sur une conception de manque, l'évolution de son enseignement remet progressivement en question cette approche. Dans ses développements ultérieurs, Lacan prendra ses distances avec cette perspective, insistant sur le fait que la psychose ne peut être comprise uniquement comme une faute ou une absence, mais comme une structure qui opère selon son propre mode dans le champ symbolique.

Ferreira, D. F. dos S.; Simanke, R. T.

Il est admis tant par Freud que par Lacan que le poste au Tribunal d'Appel, bien que convoité par Schreber, représentait une fonction impossible à occuper, car il s'agissait d'un travail généralement exercé par des hommes plus âgés. Dans le contexte de son incapacité à engendrer un fils – l'héritier attendu qui porterait le nom de Schreber –, cette situation se trouve encore aggravée :

Quel est le signifiant qui est mis en suspens dans sa crise inaugurale ? C'est le signifiant *procréation* dans sa forme la plus problématique, celle que Freud lui-même évoque à propos des obsessionnels, qui n'est pas la forme *être mère*, mais la forme *être père*. [...] Le président Schreber manque selon toute apparence de ce signifiant fondamental qui s'appelle *être père*. C'est pourquoi il a fallu qu'il commette une erreur, qu'il s'embrouille, jusqu'à penser porter lui-même comme une femme. Il lui a fallu s'imaginer lui-même femme, et réaliser dans une grossesse la deuxième partie du chemin nécessaire pour que, s'additionnant l'un à l'autre, la fonction *être père* soit réalisée. (Lacan, 1955-56/1981, pp. 329-330, [italique de l'auteur]).

Le Dieu de Schreber est, pour Lacan, une métaphore privilégiée du grand Autre, l'Autre symbolique, la personnification suprême de la Loi – d'où l'expérience profondément charnelle du délire hypocondriaque dans lequel ce conflit s'exprime. Il convient de rappeler que, dès le début de la condition de Schreber, une grave perturbation de son expérience corporelle se manifeste : ses poumons sont réabsorbés, ses organes génitaux liquéfiés, son œsophage et son intestin volatilisés, l'os de sa calotte crânienne pulvérisé, et, à plusieurs reprises, il avale sa propre trachée. Il décrit ainsi cette période : « Je suis le premier cadavre lépreux et je mène un cadavre lépreux. » (Schreber, 1903/1975, p. 171).

La question du corps est si dominante que, même après l'évolution vers une organisation paranoïaque à thématique religieuse, Schreber continuait à souffrir de violentes hallucinations corporelles. Il décrit des rituels au cours desquels il fixe son image dans le miroir et se pare, torse nu. Il rapporte observer dans le miroir la transformation progressive de son corps vers une condition féminine. Ces sensations corporelles semblent être intégrées comme une tentative de conciliation à travers l'idée délirante selon laquelle, pour sauver l'humanité, il devait être transformé en femme de Dieu. À un certain moment, cette idée délirante acquiert le statut de métaphore délirante, permettant une stabilisation temporaire, période au cours de laquelle il a pu se consacrer à la rédaction de ses *Mémoires*...

À des fins d'explication, la métaphore délirante émerge dans le contexte de la psychose comme une tentative du sujet de substituer quelque chose qui n'a pas été symboliquement inscrit ou qui s'est perdu dans le champ du signifiant. Dans le délire, un signifiant absent est remplacé par un autre, produisant ainsi un nouveau sens, mais sous une forme distordue. La métaphore délirante est la manière dont le sujet psychotique tente de pallier le manque de signifiants fondamentaux, tels que le père ou la Loi, à travers une métaphore qui, bien qu'irrationnelle – comme l'idée de se transformer en femme pour racheter l'humanité – lui permet de donner un sens à ce qui est incompréhensible ou insupportable dans son champ symbolique.

De quel corps parle-t-on dans la psychose ?

Nous arrivons ici au point central de ce travail : comment peut-on, en définitive, parler d'une expérience symbolique du corps dans la psychose ? Il ne faut pas oublier que le chemin élaboratif suivi par Lacan dans son troisième séminaire se déploie en mettant l'accent sur le symbolique, ce qui, en dernière instance, sert de boussole pour appréhender cette question. Mais avant cela, il est nécessaire de revenir sur la notion d'une expérience imaginaire du corps en ce qui concerne son développement – un corps morcelé, sans contour et, d'une certaine manière, étranger, qui se constitue à partir de l'aliénation à son image et à celle de l'autre. Cette dimension d'étrangeté est celle du stade du miroir, qui aboutit à un moi virtuel ne représentant pas le sujet tel qu'il est, mais comme une figure homogène issue du milieu extérieur, distincte de l'ambiguïté pulsionnelle et du corps désorganisé dans ses parties.

Cette formation primitive dont dérive le moi – en tant qu'élément dont la constitution est extrinsèque – s'apparente à la réédition d'un phénomène analogue au délire paranoïaque : un moi émerge, mais il s'aliène à l'extériorité de la forme/image de son corps. La paranoïa apparaît ainsi comme le mécanisme le plus universel du moi, qui se construit à travers cette première identification, encapsulant continuellement le sujet tout au long de son parcours – et qui, dans ce paradigme, ne peut produire chez l'individu qu'un décalage insurmontable entre le corps organique et l'image du corps, aliénée à l'autre dans la relation imaginaire. C'est là le fondement du savoir paranoïaque, qui repose sur l'identification primaire du stade du miroir comme instance formatrice du moi en tant qu'autre. Tout cela est poussé à son paroxysme dans la psychose, dans la mesure où l'on observe comment la relation à l'altérité et au corps propre se délite à travers les phénomènes délirants et intrusifs associés à la symptomatologie de ces cas. Il n'est donc pas surprenant que l'autobiographie de Schreber soit traversée par des images de corps morcelé.

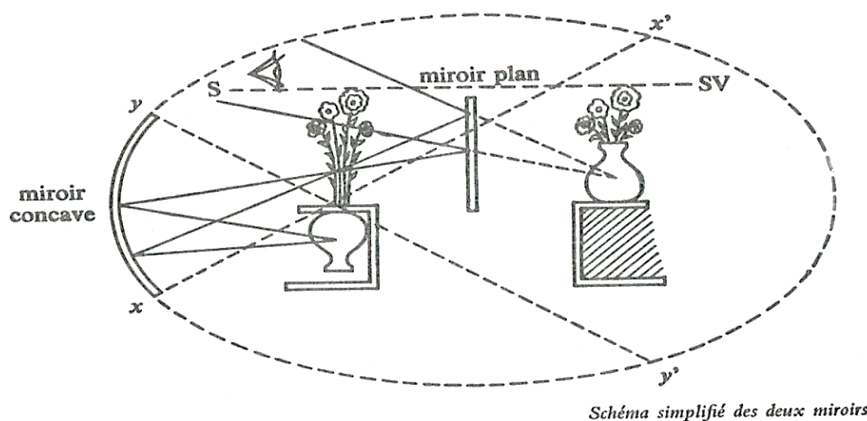
Ouvrant une parenthèse, il convient de revenir sur la manière dont Lacan différencie les deux formes cliniques de la psychose – la schizophrénie et la paranoïa. Le concept freudien de narcissisme sert de repère à Lacan pour établir une distinction : d'une part, la régression observée dans la schizophrénie se manifeste par un corps morcelé (antérieur à l'identification d'une image prise comme matrice symbolique du moi) ; d'autre part, dans la paranoïa, le sujet demeure enfermé dans une relation à l'image spéculaire et reste identifié à son moi (dans l'aliénation imaginaire a et a'). Dans l'analyse du cas Schreber, on observe la présence de ces deux conditions cliniques, bien que la pathologie se soit principalement structurée sous la forme d'une paranoïa. Ses symptômes, nombreux, sont interprétés par Lacan à l'intérieur de sa structure psychotique : Schreber était hypocondriaque, mais son hypocondrie s'inscrivait dans l'ensemble de sa transformation corporelle, essentielle à la construction de son délire paranoïaque.

Revenant à la question du moi et du corps, plusieurs années après avoir élaboré sa théorie du stade du miroir, Lacan affine progressivement sa proposition sur la constitution du moi, en s'appuyant désormais sur des outils théoriques plus spécifiques, notamment ceux issus du structuralisme et de la linguistique. Il ajoute que l'image a besoin d'un appareil symbolique – ce qui aboutit à la formulation du Schéma Optique. En résumé, ce schéma repose sur l'idée que, avant de pouvoir s'approprier son image réfléchie, l'enfant tourne d'abord son regard vers la mère, qui joue le rôle du grand Autre en légitimant symboliquement la valeur de cette image,

interveniant ainsi dans la relation narcissique du bébé avec son petit autre dans le miroir. Le corps du bébé est donc une construction façonnée à partir d'un élément provenant de la mère et de sa fonction symbolique – et, dès ce moment, il est lui aussi soumis à l'ordre des symboles.

Figure 3. Schéma optique

LA TOPIQUE DE L'IMAGINAIRE



Source: Lacan (1954-1955/1975).

C'est dans ce passage entre le corps morcelé de l'auto-érotisme – c'est-à-dire dans le passage du moi spéculaire et imaginaire au champ du grand Autre – que Lacan va aborder la question de la corporéité dans les psychoses. Comme cela a été mis en évidence, dans une perspective lacanienne, c'est au Nom-du-Père, en tant que signifiant primordial, qu'incombe la fonction de soutenir l'image du corps, mais aussi d'ordonner ce que le sujet conçoit comme son propre corps. On sait que, dans la psychose, cette inscription ne se réalise pas en raison de la forclusion du Nom-du-Père, ce qui engendre toute la problématique liée à l'acquisition d'un corps propre et d'un moi corporel. Autrement dit, puisque la libido qui revient vers le corps dans la psychose ne s'appuie pas sur une matrice symbolique d'un corps imaginaire, l'expérience qui en résulte est celle d'un corps morcelé, décrit de manière exemplaire par Schreber dans ses *Mémoires...* Comme le formule Lacan : « Sans aucun doute devez-vous finir par vous dire – *En fin de compte, ne savons-nous pas que, dans les significations qui orientent l'expérience analytique, ce signifiant est donné par le corps propre?* » (Lacan, 1955-56/1981, pp. 329-330, [italique de l'auteur]).

Si la relation au corps propre est médiatisée par le signifiant et se construit à partir de l'altérité, de l'identification et du rapport aux objets, alors le sujet psychotique est dans l'impossibilité, par le biais du symbolique, d'établir une distinction claire entre l'imaginaire et le réel. C'est pourquoi il devient nécessaire de recourir à des mécanismes permettant de donner une plus grande consistance à l'existence du sujet, tels que les béquilles imaginaires et la métaphore délirante. Le délire lui-même tendra, dans la plupart des cas, à s'adapter et à évoluer dans le sens d'une tentative de reconstitution d'une suppléance à la défaillance du signifiant paternel. Toutefois, cette reconstitution demeure fragile et peut s'effondrer ultérieurement face à une nouvelle situation venant révéler sa précarité – comme Lacan l'anticipe dans son allégorie du tabouret à trois pieds.

À titre d'exemple, le mois de novembre 1895 est désigné par Schreber lui-même comme l'époque où s'est produit le lien entre la fantaisie d'émasculacion et l'idée d'être un rédempteur – ouvrant ainsi la voie à une conciliation avec la première. Lacan se penche sur cette solution complexe trouvée par Schreber, qui passe par la métaphore délirante – l'idée de devenir une femme pour copuler avec Dieu et donner naissance à une nouvelle race de schrébériens. Il s'agit d'un apaisement par la béatitude, qui réorganise le champ de la réalité et réduit l'écart entre les registres imaginaire et symbolique. Ainsi, la métaphore délirante apparaît comme une issue ayant une fonction stabilisatrice. Dans cette perspective, on peut dire que le délire constitue une réponse du sujet face à la confrontation avec le réel, lorsque l'intermédiation de l'appareil symbolique est impossible. Le réel du corps acquiert alors une signification, comme on l'observe chez Schreber, qui passe de symptômes hypocondriaques et d'expériences de corps morcelé à une paranoïa, laquelle offre une unité corporelle construite à travers un sens délirant.

À partir de ce que j'appelle le coup de cloche de l'entrée dans la psychose, le monde sombre dans la confusion, et nous pouvons suivre pas à pas comment Schreber le reconstruit, dans une attitude de consentement progressif, ambigu, réticent, *reluctant*, comme on dit en anglais. Il admet peu à peu que la seule façon d'en sortir, de sauver une certaine stabilité dans ses rapports avec les entités envahissantes, désirantes, qui sont pour lui les supports du langage déchaîné de son vacarme intérieur, est d'accepter sa transformation en femme. Ne vaut-il pas mieux, après tout, être une femme d'esprit qu'un homme crétinisé ? Son corps est ainsi progressivement envahi par des images d'identification féminine auxquelles il ouvre la porte, il les laisse prendre, il s'en fait posséder, remodeler. Il y a quelque part, dans une note, la notion de laisser entrer en lui les images. Et c'est à partir de ce moment-là qu'il reconnaît que le monde ne semble pas apparemment avoir tellement changé depuis le début de sa crise – retour d'un certain sentiment, sans doute problématique, de la réalité. (Lacan, 1955-56/1981, p. 290, [italique de l'auteur])

Comme nous l'avons déjà vu, Lacan (1955–1956/1981) considère que c'est dans le registre de la parole que se déploie toute la richesse de la phénoménologie de la psychose. Il propose que, comme tout discours, « un délire est à juger d'abord comme un champ de signification ayant organisé un certain signifiant » (p. 137). Toutefois, il s'interroge : d'où ce discours est-il extrait ? Et il répond : du corps lui-même. Ainsi, le corps semble offrir, à un certain niveau, la possibilité de nomination de ce discours. Le corps est le support du discours, même lorsque ce discours est celui de l'aliéné :

Puisqu'il s'agit du discours, du discours imprimé, de l'aliéné, que nous soyons dans l'ordre symbolique est donc manifeste. Maintenant, quel est le matériel même de ce discours ? [...] *D'une façon générale, le matériel, c'est le corps propre.* La relation au corps propre caractérise chez l'homme le champ en fin de compte réduit, mais vraiment irréductible, de l'imaginaire. [...] Ce rapport, toujours à la limite du symbolique, seule l'expérience analytique a permis de le saisir dans ses derniers ressorts. Voilà ce que nous démontre l'analyse symbolique du cas de Schreber. C'est seulement par la porte d'entrée du symbolique qu'on parvient à le pénétrer. (Lacan, 1955-56/1981, pp. 19-20, [italique ajouté])

Considérations finales

Au cœur de la genèse du sujet parlant, il existe une discontinuité entre l'être, conçu comme une fiction, et le *sujet* – tout comme entre le sujet et son propre corps. Dans le cas de la névrose, le savoir sur soi-même et sur son corps demeure relativement stable, soutenu par le signifiant primordial. En revanche, dans la psychose, l'absence de ce signifiant fragilise encore davantage la relation disjointe entre le sujet et son corps, qui devient alors tributaire d'autres dispositifs et suppléances pour faire face au *réel*, lequel surgit de manière envahissante dans certaines expériences corporelles.

Au fil des développements de la psychanalyse lacanienne durant la première moitié des années 1950, le concept de Nom-du-Père occupe une place centrale en raison de sa fonction symbolique et structurante. Ce terme ne se réfère pas exclusivement au père biologique, mais à la figure symbolique qui incarne la Loi, l'autorité et l'interdiction. Il est considéré comme un « signifiant maître » car il organise et hiérarchise les autres signifiants dans le champ symbolique du sujet.

La fonction du Nom-du-Père est intimement liée à l'acquisition, par le sujet, d'un statut de corps. Avant l'intervention de cette instance symbolique, l'individu vit une expérience marquée par la fragmentation du corps morcelé, caractéristique de la phase initiale du développement décrite par Lacan dans le stade du miroir. À ce stade, l'enfant ne possède pas encore une image unifiée de lui-même, ce qui engendre la sensation d'un corps morcelé. C'est l'introduction du Nom-du-Père qui permet au sujet d'organiser symboliquement son corps, d'établir des limites et de promouvoir la perception de soi comme une unité intégrée.

Plus qu'une simple structuration du corps, l'intervention du Nom-du-Père est également essentielle à la constitution de la subjectivité. En s'insérant dans le champ symbolique, le sujet commence à articuler ses désirs et ses relations au monde à travers le langage, médiatisé par ce signifiant. Ainsi, le Nom-du-Père est ce qui permet à l'individu de sortir du chaos pulsionnel initial et d'entrer dans une dynamique symbolique où le désir et la Loi coexistent. Cette transition ne se limite pas à organiser l'expérience du sujet : elle constitue également le fondement de son interaction avec l'autre et avec la culture. C'est pourquoi, lorsque cette instance symbolique ne s'établit pas de manière adéquate, le sujet rencontre des obstacles dans la structuration de son identité ainsi que dans la distinction des limites entre lui-même, l'autre et le monde.

À partir du cas Schreber, Lacan conclut que les symptômes et phénomènes impliquant le sujet psychotique et sa relation avec son corps peuvent être compris comme des tentatives de stabilisation face aux difficultés engendrées par l'absence d'une inscription symbolique structurante. Dans ce contexte, Schreber apparaît comme une illustration exemplaire de ces manifestations, montrant comment ces efforts fonctionnent comme une suppléance à l'insuffisance du signifiant paternel. Son cas met en évidence les défis auxquels le sujet est confronté lorsque l'appareil symbolique ne parvient pas à opérer pleinement comme médiateur de l'expérience subjective.

Deux conclusions principales émergent : la première est que, pour Lacan, à ce moment précis de son élaboration théorique, le corps est celui qui subit l'action d'une inscription en

raison de l'entrée dans le langage ; la seconde est que, dans la psychose, cette inscription ne se produit pas. Dans cette perspective, il est évident que Lacan rejette toute explication d'ordre organique des phénomènes psychotiques. En conséquence, une critique se développe autour de sa thèse sur la psychose (en particulier telle qu'elle apparaît dans le troisième séminaire), soulignant son positionnement foncièrement antinaturaliste – une posture qui, en cherchant à préserver la spécificité du monde humain, risquerait finalement de le priver de certains aspects essentiels, d'une manière encore plus radicale que le réductionnisme organiciste auquel elle prétend s'opposer. Cela ouvre ainsi un point de départ pour une discussion critique sur la position lacanienne face à la question de la corporéité psychotique. L'approche de la corporéité restreinte à ses dimensions imaginaire et symbolique soulève le problème du corps réel chez Lacan, ce qui le conduira, dans les années suivantes, à affiner davantage ses développements théoriques afin de tenter d'y apporter une réponse.

Même une lecture attentive du séminaire sur les psychoses laisse penser qu'un mouvement, bien que naissant, est déjà en cours pour articuler le registre du réel dans la réflexion sur la structure psychotique. Au fil des leçons, Lacan met en évidence le rôle, dans la psychose, de l'absence d'un signifiant primordial – le Nom-du-Père – et montre comment, lorsque cette forclusion se produit et que la métaphore paternelle échoue, les signifiants sont rejetés (forclos) et reviennent de l'extérieur par la voie du réel – comme c'est le cas des phénomènes hallucinatoires et délirants observés chez Schreber. Dans ce sens, Lacan s'attache à concevoir l'inconscient dans la psychose comme ce qui revient dans le réel. Naturellement, à ce stade, la notion de réel reste embryonnaire, mais l'on peut déjà observer que Lacan cherche à articuler les trois registres. Il semble que cette articulation deviendra progressivement essentielle pour penser la question de la corporéité dans son enseignement.

Pour conclure, à propos de Daniel Paul Schreber, qui a passé treize années de sa vie en sanatoriums psychiatriques et a terminé ses jours interné et dément, on peut dire qu'il n'a peut-être jamais correspondu au modèle de citoyen illustre que son père espérait. Cependant, il a atteint l'immortalité tant convoitée par les Schreber, étant tardivement consacré comme un écrivain moderniste fascinant. En publiant son livre *Mémoires d'un névropathe*, Schreber a apporté d'importantes contributions au champ scientifique, qui perdurent encore aujourd'hui, en permettant la production de nombreuses analyses discutant, et continuant à discuter, des questions liées à sa vie et à sa condition pathologique. La prolifération des ouvrages et articles consacrés à Schreber, qui ne montre aucun signe de ralentissement, témoigne de la force et du potentiel de révélation que recèle sa transmission.

Références bibliographiques

- Carone, M. (1984). Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In Schreber, D. P. *Memórias de um doente dos nervos* (pp. 7-19). Rio de Janeiro : Edições Graal.
- Caropreso, F.; Simanke, R. T. (2006). *A linguagem de órgão esquizofrênica e problema da significação na metapsicologia freudiana*. *Revista de Filosofia da PUC-PR*, 18(23), 105-128.
- Lacan, J. (1966). La fonction et le champ de la parole et du langage en psychanalyse. In Lacan, J. *Écrits*. (pp. 238-324). Paris : Seuil. (Cette conférence a eu lieu en 1953)

Ferreira, D. F. dos S.; Simanke, R. T.

- Lacan, J. (1975). *Le séminaire. Livre I : Les écrits techniques de Freud* (J.-A. Miller, Éd.). Paris : Seuil. (Ce séminaire a eu lieu entre 1953-1954)
- Lacan, J. (1981). *Le séminaire, Livre III : Les psychoses*. Paris : Seuil. (Ce séminaire a eu lieu entre 1955-1956)
- Lacan Circle of Melbourne (2013). *Biographical and Historical Background to Freud's Schreber Case*. Consulté le 12/05/2025 sur : <https://melbournelacanian.wordpress.com/2013/05/25/biographical-and-historical-background-to-freuds-schreber-case>
- Freud, S. (2013). *Au-delà du principe de plaisir*. Paris : Éditions Payot. (Œuvre originale publiée en 1920)
- Freud S. (1954), *Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïa (le Président Schreber)*. Paris: PUF. (Œuvre originale publiée en 1911)
- Schreber, D. P. (1975). *Les mémoires d'un névropathe* (Coll. « Points », no 177). Paris : Seuil. (Œuvre originale publiée en 1903)
- Simanke, R. T. (2002). *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. Curitiba : Editora UFPR.

The concepts of body and psychosis in the psychoanalysis of Jacques Lacan

Abstract

The body is a recurring theme in Lacanian theory, in which the subject's relationship with its body is mediated by both the image and the signifier. This complex dynamic is articulated in two pivotal moments of Lacan's teaching. Firstly, his mirror stage theory posits the image as the primary operator of the body's subjectivation, situating the subject's constitution predominantly within the imaginary register. Later, Lacan shifts emphasis to the symbolic register, where the signifier becomes the paramount mediator of the subject's relationship with its body, now conceived primarily as a support for the inscriptions of the letter. This research examines the concept of the body in Lacan's theorization of psychosis, drawing on his analysis of the Schreber case. This case is chosen for its instrumental role in developing Lacan's theory of psychosis and the prominence of bodily symptoms in its clinical presentation. The study adopts a theoretical-conceptual approach, focusing on Lacan's third seminar (1955-1956) and his interpretation of Schreber's memoir. Through this analysis, Lacan argues that the symptoms and phenomena involving the psychotic subject and its body can be understood as attempts at stabilization, compensating for the absence of the paternal signifier when symbolic mediation is unattainable.

Keywords: Body. Psychosis. Lacan. Schreber.

Cuerpo y psicosis en la lectura que hace Lacan del caso Schreber

Resumen

La temática del cuerpo es un asunto bastante recurrente en la teoría lacaniana. La relación del sujeto con el cuerpo, para Lacan, está doblemente mediada por la imagen y por el significante, tal como se expresa en dos momentos emblemáticos de su obra. En un primer momento, en la conceptualización del estadio del espejo, el principal operador de la subjetivación del cuerpo es la imagen, y la constitución del sujeto se concibe, sobre todo, en el registro de lo imaginario. En un segundo momento, Lacan privilegia el registro de lo simbólico, y el significante se convierte en el mediador por excelencia de la relación del sujeto con el cuerpo, ahora concebido, ante todo, como soporte para las operaciones de la letra. En este contexto, el objetivo de esta investigación es reflexionar sobre la cuestión del cuerpo en la teorización de las psicosis, a partir de la lectura que Lacan realiza del caso Schreber. El caso Schreber fue elegido por su relevancia en la formulación de la teoría lacaniana de las psicosis y también por el protagonismo que tienen los síntomas corporales en la sintomatología del caso. Esta investigación, de carácter teórico-conceptual, analiza esencialmente el tercer seminario (1955-1956) de Lacan, haciendo especial énfasis en su lectura e interpretación del libro de memorias de Schreber

a lo largo del mismo, y en su retomada y crítica del enfoque freudiano. A partir del caso Schreber, Lacan concluye que los síntomas y fenómenos que involucran al sujeto psicótico y su cuerpo pueden concebirse como intentos de estabilización que suplen la falta del significante paterno cuando no es posible una mediación del aparato simbólico.

Palabras clave: Cuerpo. Psicosis. Lacan. Schreber.

Corpo e psicose na leitura de Lacan do caso Schreber

Resumo

A temática do corpo é um assunto bastante recorrente na teoria lacaniana. A relação do sujeito com o corpo, para Lacan, é duplamente mediada pela imagem e pelo significante, tal como se expressa em dois momentos emblemáticos de seu ensino. Num primeiro momento, na teorização sobre o estágio do espelho, o principal operador da subjetivação do corpo é a imagem, e a constituição do sujeito é pensada, sobretudo, no registro do imaginário. Num segundo momento, Lacan privilegia o registro do simbólico, e o significante se torna o mediador por excelência da relação do sujeito com o corpo, agora concebido, acima de tudo, como um suporte para as operações da letra. Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é refletir sobre a questão do corpo na teorização sobre as psicoses, a partir da leitura de Lacan do caso Schreber. O caso Schreber foi escolhido por sua relevância na formulação da teoria lacaniana das psicoses e também devido ao destaque que os sintomas corporais possuem na sintomatologia do caso. Esta investigação, de caráter teórico-conceitual, analisa essencialmente o terceiro seminário (1955-1956) de Lacan, com destaque para sua leitura e interpretação do livro de memórias de Schreber ao longo do mesmo e sua retomada e crítica da abordagem freudiana. Partindo do caso Schreber, Lacan conclui que os sintomas e fenômenos que envolvem o sujeito psicótico e o seu corpo podem ser concebidos como tentativas de estabilização, que fazem suplência à falta do significante paterno, quando não é possível uma intermediação do aparelho simbólico.

Palavras-chave: Corpo. Psicose. Lacan. Schreber.

Reçu le: 06/04/2024

Révisé le: 15/02/2025

Accepté le: 25/02/2025